

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Aluno: Felipe Nascimento Prestes

Orientador: Prof. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus

*Crucial*: literatura e idealismo em Porto Alegre [1951-54]

Porto Alegre, dezembro de 2009.

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado à memória de Linneu Dias que, mesmo de longe, sempre me influenciou indiretamente ao fazer arte.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à orientadora Sandra de Deus por sua presteza, disposição e paciência em acompanhar a realização do trabalho.

À professora Cida Golin que também colaborou com a indicação de livros e artigos.

A meu pai, Antônio, por seu incentivo. À toda a família pela paciência.

A Charles Dall'Agnol, bolsista do projeto de Organização e Manutenção do Acervo Literário e Epistolar de Paulo Hecker Filho.

*“Estamos aqui porque a vida, esta vida dos dias, não nos basta”.* (Crucial, 1951)

## RESUMO

*Crucial* foi uma revista literária criada por um grupo de jovens em Porto Alegre, em 1951. Teve cinco edições, até 1954. A vigente pesquisa visa resgatar a história da publicação, analisar sua produção literária e contextualizá-la com o momento em que era realizada. Paulo Hecker Filho, Linneu Dias, José Paulo Bisol e Vera Mogilka eram os escritores, que fizeram do periódico espaço para idealismo, rebeldia e experimentação literária. Os anos dourados, o crescimento das grandes cidades, os jovens e mulheres buscando seu espaço, as ideias de Sartre e Simone são alguns dos aspectos importantes que foram levados em conta para entender o contexto. Também foi analisada a literatura gaúcha, marcada pelo forte regionalismo à época; a literatura brasileira, abrindo diversas possibilidades após a ruptura do modernismo de 22; e o papel desempenhado pelas revistas literárias, canalizadoras de novas ideias éticas e estéticas. Pela ausência de trabalhos sobre esse grupo que tentou sacudir a cena literária da capital gaúcha, o presente estudo visa preencher esta lacuna.

**Palavras-chave:** *Crucial*, Porto Alegre, literatura, imprensa, revista literária, Paulo Hecker Filho, José Paulo Bisol, Linneu Dias, existencialismo, Grupo Quixote

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1. <i>Crucial</i> a seu tempo .....	10
1.1. Era de Ouro .....	11
1.2. O <i>Grupo Quixote</i> .....	13
1.3 O cenário da literatura brasileira .....	15
1.4 Panorama da literatura no Rio Grande do Sul .....	16
1.5 As revistas literárias no Brasil e a imprensa gaúcha .....	18
1.6 Sartre, Simone e o existencialismo .....	19
2. Os temas e os percalços de <i>Crucial</i> .....	26
2.1 Periodicidade e recursos .....	26
2.2 A liderança de Hecker e as leituras .....	28
2.3 As epígrafes e o <i>Vôo Crucial</i> .....	29
2.4 Formalidade e informalidade, estilo literário em <i>Crucial</i> .....	31
2.5 O pioneirismo de Vera Mogilka .....	33
2.6 Paisagens Cruciais .....	36
3. Cartas, críticas e farpas .....	38
3.1 Correspondência com Sérgio Milliet .....	39
3.2 Correspondência com Oswald de Andrade .....	43
3.3 A repercussão de <i>Crucial</i> via correspondência .....	46
3.4 Farpas com a imprensa .....	46
3.5 Sartre e flertes com o socialismo .....	48
3.6 Crítica literária .....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
ANEXOS .....	57
REFERÊNCIAS .....	58

## INTRODUÇÃO

Fundada em Porto Alegre, no ano de 1951 por Paulo Hecker Filho, Linneu Dias e José Paulo Bisol – com a colaboração constante de Vera Mogilka - *Crucial* foi mais um daqueles veículos formados por jovens que, no peito e na raça, pretendiam se expressar, trazer à tona o que escreviam, ser vistos. Foi uma revista literária, onde se publicava contos, poemas – até esquetes teatrais – confissões e também crítica literária.

Com cinco números entre 1951 e 54, trata-se de uma página da literatura gaúcha sobre a qual não se tem um trabalho de registro mais apurado. Daí vem a vontade de abordar a publicação, sobre a qual, tão importante quanto analisar, é simplesmente registrar, contar a história, mostrar excertos, para que este capítulo fique anotado quando se falar das revistas literárias no Rio Grande do Sul e no Brasil.

O desejo de realizar este trabalho tem ainda para mim motivação toda especial. Linneu Dias, morto em 2002, era irmão de minha avó paterna. Sua coragem para deixar de lado o diploma obtido em Direito – área na qual nunca trabalhou – e seguir a paixão pelo teatro, de certa forma inaugura uma nova era em uma tradicional família da região da Campanha. Seus irmãos mais novos o tiveram como espelho e também tiveram intenso interesse pela arte e pelas humanidades, os quais herdo com afinco.

Certamente a intelectualidade que rondava em torno das faculdades de Direito de Porto Alegre entre os anos 40 e 50 forjariam este caráter. Eram estes estudantes que debatiam nos cafés do centro da cidade, que faziam as revistas literárias e de sonhos, como a *Quixote*, cujo nome já é indício da utopia, e a *Crucial*, cujos integrantes tomaram para si toda a responsabilidade pela condição humana, todo engajamento que Jean-Paul Sartre pregava no existencialismo.

O primeiro capítulo vai tratar deste contexto, vai falar desta Porto Alegre que crescia, das ideias que permeavam o pensamento da juventude, como as do filósofo francês. Vai abordar o período do pós-guerra, os anos dourados, tempo de certa bonança e esperança em todo o mundo. Tempo de aumento da escolaridade, das mulheres, como Vera, que buscavam seu espaço. Ainda se debruçará sobre o contexto literário no País e no Rio Grande do Sul, após o modernismo, após os regionalismos, numa literatura brasileira que se diversificara, que abrisse possibilidades e que se aprofundara no intimismo, em desvelar a personalidade do homem. Também se faz necessário falar sobre as revistas literárias, nas quais se aglutinam jovens desde o século XIX no Brasil,

mas que ganhariam suma importância durante o modernismo de 1922 e nas três décadas que se seguiram.

Para traçar estes panoramas, recorreu-se principalmente a autores que mostram visões amplas, gerais sobre os temas que se pretende explicar. Eric Hobsbawm, com “A Era dos Extremos”<sup>1</sup>, por exemplo, foi o escolhido para pinçar tópicos sobre o pós-guerra. Sobre a literatura brasileira, a história concisa escrita por Alfredo Bosi foi utilizada.<sup>2</sup> Para o Rio Grande do Sul, Regina Zilberman tem papel correlato ao de Bosi.<sup>3</sup> Sobre temas mais específicos, o livro de Vitor Biasoli acerca do *Grupo Quixote* é de suma importância.<sup>4</sup> Para uma noção a respeito da imprensa gaúcha à época, utilizou-se “Tendências do Jornalismo”, de Francisco Rudiger.<sup>5</sup>

O segundo capítulo irá inicialmente esclarecer aspectos mais gerais sobre *Crucial*. Data de cada edição, número de páginas, questões práticas como a dificuldade em captar anúncios. Também irá explicar as sessões da revista, as epígrafes, a capa, a divisão por autores. Depois, será abordada a produção literária dos integrantes da revista, os contos, os poemas. Algumas das características estéticas, a temática, entre outros aspectos.

Atenção especial será dada à obra de Vera Mogilka. O pouco espaço que tinham as mulheres nas letras gaúchas torna a sua participação em *Crucial* ainda mais merecedora de destaque. Artigo de Carla Bassanezi<sup>6</sup> sobre a vida das moças nos anos dourados será essencial para o entendimento deste tópico, bem como o papel que Simone de Beauvoir representava à época.

O terceiro capítulo é dedicado a verve altamente crítica de Paulo Hecker Filho. Sua personalidade ímpar, marcada por uma extrema sinceridade, dura, que não perdoava ninguém, dá um caráter todo especial à parte de *Crucial* que era dedicada às suas críticas literárias, suas “gentilezas” com a imprensa. Além disso, Hecker trocava

---

<sup>1</sup> HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª edição

<sup>3</sup> ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 3ª edição.

<sup>4</sup> BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994.

<sup>5</sup> RUDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: Editora Universidade/Ufrgs, 1993.

<sup>6</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed.



correspondências compulsivamente e algumas delas publicou no periódico, como as cartas que trocara com figuras das mais importantes na literatura nacional, Oswald de Andrade e Sérgio Milliet, que constituem talvez o documento mais valioso da revista.

Para reconstituir algumas das pendengas e debates, e saber ainda mais sobre *Crucial* socorri-me de fontes primárias, como o Acervo Epistolar e Literário de Paulo Hecker Filho, localizado na Biblioteca Central da PUCRS, que contém mais de 50 volumes de correspondência ativa e passiva do escritor. Outra fonte utilizada, que esclarece e permeia boa parte do trabalho, foi o depoimento oral de José Paulo Bisol, colhido em outubro de 2009. Além disso, o livro “Saudades de Voltaire”, de Hecker, contém crônicas e entrevistas nas quais fala sobre *Crucial* décadas depois, acerca dos objetivos do grupo e da vivência que tinham os integrantes.<sup>7</sup> Recorri ainda a periódicos da época, como revista *Província de São Pedro*, publicação da editora Globo sobre literatura.

O acesso a todas essas fontes permitiu cruzar os dados e descobrir novas fontes, ou histórias inacabadas. Foi Biasoli, por exemplo, que me fez chegar a um artigo escrito por Guilhermino César na *Província de São Pedro* no qual fala sobre *Crucial* escrito na própria época. Outro exemplo de cruzamento de dados foi quando a correspondência de Hecker com Milliet dava conta de um descontentamento do primeiro com uma crítica feita pelo outro. Acorri-me então de um dos volumes do “Diário Crítico” de Sérgio Milliet,<sup>8</sup> onde este compilava seus textos escritos n’*O Estado de São Paulo* e lá estava o seu comentário acerca do livro “Na Paz da Lua”, o que permitiu esclarecer a origem do debate publicado em *Crucial*.

Desta forma, o trabalho procura analisar o que está nas páginas da revista que é o objeto da pesquisa, contextualizando este objeto. Mas também vai além descobrindo histórias, resgatando acontecimentos, procurando entender como era feita, quem e o quê estavam por trás do papel e dos textos.

---

<sup>7</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

<sup>8</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*, v. 8 (1951 – 1952). São Paulo: Martins Editora, 1957.

## **CAP 01. *Crucial* a seu tempo**

Quando Paulo Hecker Filho propôs a Linneu Dias, José Paulo Bisol o lançamento da revista *Crucial*, no início da década de 50, a juventude das classes média e alta em Porto Alegre se embevecia com o cinema da Europa e dos Estados Unidos, e com a literatura moderna. O Rio Grande do Sul, porém, possuía uma produção cultural um tanto arcaica, avessa mesmo ao modernismo, disseminado em outras partes do País há cerca de três décadas.

A literatura brasileira vivia naquele período um amadurecimento das ideias propostas pelos anárquicos modernistas de 22, após um período (entre 1930 e 45) em que o romance regionalista havia obtido maior destaque. *Crucial* se alia a primeira linha, a do aprofundamento do romance introspectivo, intimista; de uma poesia que também busca o elo entre o *eu* e a sociedade. De uma literatura também muito universal, aberta a autores europeus e das Américas, em contraste com o regionalismo marcante no Rio Grande do Sul.

Embora houvesse no Brasil, um período de acirramento político, que culminaria, primeiro no suicídio de Getúlio Vargas, em 54 e, dez anos depois, no Golpe Militar; vivia-se no País, e em boa parte do mundo ocidental, a derrocada de governos autoritários como fora o Estado Novo. Vivia-se também uma época de bonança econômica em todo o mundo, em que se tratava de trabalhar para esquecer os horrores da Segunda Guerra Mundial.

O engajamento quase que compulsório que veríamos entre os artistas do Cone Sul, a partir dos anos sessenta, devido a uma polarização crescente – em parte devido ao êxito da Revolução Cubana, em 59 - que culminou com as ditaduras militares instauradas na região, não seria em meados dos anos 50 uma característica tão marcante. Havia, é verdade, manifestações como, por exemplo, a revista *Horizonte*, em Porto Alegre, ligada ao PCB.

Mas no momento em que *Crucial* fora concebida, dadas as condições econômicas e políticas, o ambiente em que uma juventude conectada às idéias modernas se deparava com uma cidade monótona, era natural uma maior preocupação com uma revolução mais individualizada, mais preocupada com uma mudança de costumes. Neste contexto, ideais de liberdade como os propostos por Sartre e Simone de Beauvoir

cairiam como uma luva. Era um prenúncio da revolução cultural que explodiria mundialmente nos anos sessenta. Dado importante também é a condição das mulheres, que viviam a contradição de cada vez mais saírem de casa para trabalhar, mas se deparavam com um mundo onde os homens ocupavam as posições de notoriedade. Caso da literatura no Rio Grande do Sul, que tinha pouquíssimos expoentes femininos enquanto Vera Mogilka participava de todas as edições de *Crucial*.

Outros acontecimentos importantes do pós-guerra foram o crescimento das grandes cidades, especialmente no Terceiro Mundo, e o crescimento da procura por educação superior. Em Porto Alegre de um núcleo intelectual formado por estudantes de Direito, muitos vindos do interior do Estado, surgiu o *Grupo Quixote*, que fez barulho, lançou a revista *Quixote*, introduziu idéias modernas na capital gaúcha, foi precursor de *Crucial* e sobre o qual também trataremos no presente capítulo.

### 1.1 Era de Ouro

Em 1951, ano de fundação de *Crucial*, apenas seis anos se passavam do fim da Segunda Guerra Mundial. O ano de 45 marcou também o fim do Estado Novo, governo autoritário de Getúlio Vargas.

O período do pós-guerra até a crise do petróleo na segunda metade da década de 1970 é considerado por historiadores em todo o mundo como a Era de Ouro, momento em que os países europeus e o Japão cresciam vertiginosamente, recuperando-se das perdas causadas pelo combate. O crescimento também se deu nos países subdesenvolvidos: “(...) a Era de Ouro foi um fenômeno mundial, embora a riqueza jamais chegasse à vista da maioria da população do mundo”,<sup>9</sup> ressalta o historiador britânico Eric Hobsbawn. Mesmo que não vissem riqueza, as populações mais necessitadas também passavam por um momento de menor aperto. “Nas décadas douradas não houve fome endêmica, a não ser como produtos de guerra e loucura política”.<sup>10</sup>

No plano político, a derrocada do fascismo na Alemanha e na Itália coincidiu com o fim do Estado Novo, regime que tinha certa inspiração fascista, e que perseguia opositores políticos. É verdade que no Brasil a democracia não conseguiria se

---

<sup>9</sup> HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 255

<sup>10</sup> Idem, p. 255

consolidar, devido ao golpe de 64. O período entre as duas ditaduras seria de uma disputa mais ideológica que violenta entre duas correntes políticas, uma populista e nacionalista – defendida por Getúlio e seus aliados; outra que congregava interesses da elite agrária, setores ligados ao capital estrangeiro, fortemente apoiado em um conservadorismo político e de costumes. Havia ainda uma minoria que realmente pregava as ideias comunistas ou socialistas.

Era um acirramento comum ao período de Guerra Fria, no qual a corrente que tomaria o poder em 64, defendia um maior alinhamento aos Estados Unidos, enquanto a outra corrente buscava uma posição autônoma, embora sendo acusada de se alinhar com os soviéticos. Mas nos anos 50, a disputa ainda se travava muito mais no plano das ideias e era plenamente possível que os jovens que se reuniam nos cafés no centro de Porto Alegre para discutir literatura e cinema não precisassem aderir a qualquer corrente política.

Viviam em uma cidade na qual não precisavam se preocupar com violência, num período de certa bonança econômica e de liberdade política. Era um ambiente propício para a busca de uma liberdade mais voltada para o indivíduo que para o coletivo. Uma busca por uma revolução de costumes mais que uma revolução política. Assim, o modo de vida proposto por Sartre e Simone de Beauvoir acabou por arrebatá-los os três fundadores de *Crucial* (ver capítulo dois). Transformação de costumes que teria muito maior amplitude na década seguinte.

Outro apontamento feito por Eric Hobsbawm foi o aparecimento de aglomerações urbanas, especialmente no Terceiro Mundo.<sup>11</sup> No Rio Grande do Sul, muitos jovens à época vinham de cidades menores para a capital a fim de estudar, casos de José Paulo Bisol que, apesar de nascido em Porto Alegre, crescera em Santa Maria, e de Linneu Dias, nascido em Santana do Livramento. O crescimento da capital gaúcha é facilmente percebido pelos dados oficiais do IBGE. De certa forma, uma maior agitação cultural da cidade pode ser explicada por estes números. Em 1940, Porto Alegre tinha cerca de 270 mil habitantes. Dez anos depois, eram aproximadamente 395 mil, um aumento de quase 50%. Em 1960, já havia mais de 640 mil pessoas vivendo no local (em relação a 1950, aumento de mais de 60%).

---

<sup>11</sup> HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.282-9

As mudanças no comportamento, visão de mundo e, muitas vezes, políticas também foram ocasionadas, em parte, pelo aumento do número de estudantes universitários em todo o mundo, que passaram a se organizar e se constituir como grupo, também apontada pelo historiador britânico.<sup>12</sup> Em Porto Alegre, um núcleo intelectual se formaria no pós-guerra em torno das faculdades de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs).

## 1.2 O Grupo *Quixote*

Pode-se dizer que a revista *Crucial* está intimamente ligada ao *Grupo Quixote*. Foi uma espécie de coletivo de escritores. Como explica Maria Eunice Moreira:

“No período entre 1946 e 1961, o grupo *Quixote* realizou suas andanças por Porto Alegre e algumas cidades do interior do Estado editando a revista *Quixote*, lançando folhas de poesia, organizando antologias e participando da vida cultural da Capital”.<sup>13</sup>

O movimento surgiu em torno da Faculdade de Direito da UFRGS, com a participação inicial de Raymundo Faoro, Wilson Chagas, Silvio Duncan e Fernando Jorge Schneider. No ano seguinte, outros escritores se juntaram ao grupo, entre eles Paulo Hecker Filho. O crítico era um dos aglutinadores do movimento, tanto que as reuniões costumavam acontecer na sua casa.<sup>14</sup>

Também em 1947, passam a editar a revista *Quixote*, que teve a primeira edição em dezembro deste ano e a última em agosto de 1952. Hecker foi redator-chefe da primeira edição da *Quixote*. Desentendeu-se com os demais participantes e deixou a publicação, tendo publicado dois ensaios, nas duas primeiras edições. Portanto, é possível afirmar que há ligação íntima desta revista com a *Crucial*, sendo a primeira precursora da segunda.

---

<sup>12</sup> HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 289-296

<sup>13</sup> MOREIRA, Maria Eunice. Prefácio in: BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994, p. 10

<sup>14</sup> BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994, p. 19

Além disso, não só Hecker, como os dois outros diretores de *Crucial* também orbitavam neste meio intelectual de Porto Alegre, ligado ao Direito. Linneu Dias estudou a mesma área, formou-se em Direito pela PUCRS. Foi na instituição marista que conheceu José Paulo Bisol, colega de faculdade, que inclusive colaborou com dois poemas na terceira edição da revista *Quixote*.

O *Grupo Quixote* teve dois momentos distintos. A partir de 1955, passou a ser essencialmente formado por poetas. Antes, sua essência era ensaística. Dentro desta concepção inicial, havia certo caminho ideológico por onde percorria o coletivo, que se alicerçava basicamente na crítica ao regionalismo gaúcho e à pasmaceira que era a cena literária do Estado.

Os membros do *Grupo Quixote* defendiam, portanto, o universalismo e queriam revolucionar, sacudir a intelectualidade do Rio Grande do Sul. A escolha do nome da revista, e o editorial da primeira edição são reveladores desta primeira vertente. “Vamos fazer uma barbaridade”,<sup>15</sup> frase de Don Miguel de Unamuno que ilustrava este editorial, dava uma ideia do que pretendia o grupo. O nome *Quixote* também demonstra os objetivos utópicos a serem alcançados.

Além disso, o universalismo está explícito na escolha de dois autores espanhóis, Unamuno e Cervantes. O grupo percebia o gaúcho como ligado ao mundo hispânico. “O que nos une é a consciência de possibilidade que vem das raízes da nossa formação e do nosso destino americano, que ainda não foram vislumbradas nem aproveitadas em seu pleno significado”.

Como explica Biasoli, “(...) duas grandes preocupações são expressas pela revista: uma manifesta-se em relação à investigação da formação sócio-cultural rio-grandense, vinculando-a ao ‘destino americano’, e outra preocupa-se com temas universais, centralizando sua atenção em torno de autores estrangeiros e brasileiros”.<sup>16</sup>

*Crucial* tinha vinculação maior com esta segunda preocupação, a de se ligar na poesia, no romance, nos contos de autores de várias partes do planeta. A revista buscava mais as narrativas pessoais, calcadas no foro íntimo, nas indagações individuais, além da crítica literária. O que também a aproximava ao *Grupo Quixote* era a intenção de

---

<sup>15</sup> *Quixote*, 1.ed.

<sup>16</sup> BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994, p. 29

sacudir a cidade, a qual aquele grupo de jovens considerava um tanto parada no tempo. Estes objetivos aproximavam todos aos autores modernistas de 22, especialmente aos mais anárquicos como Oswald de Andrade.

### 1.3 O cenário da literatura brasileira

Comumente o período entre 1930 a 1945, ou até 1950, é considerado uma segunda fase do modernismo no Brasil. Para Alfredo Bosi, existiram, grosso modo, três vertentes de destaque:

“a *ficção regionalista*, o *ensaísmo social* e o *aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do *eu* à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Schmidt, Henriqueta Lisboa, Cecília Meirelles, Emílio Moura)”<sup>17</sup>.

Dentro desse aprofundamento, destaca-se o romance introspectivo, de autores como Octávio de Faria (autor bastante elogiado por Hecker em *Crucial*) e Cyro dos Anjos. Para a poesia, também segundo Bosi, a fase foi “universalizante, metafísica, hermética, ecoando as principais vozes da “poesia pura” europeia de entre guerras: Lorca, Rilke, Valéry, Eliot, Ungaretti, Machado, Pessoa...”<sup>18</sup>.

Em um período seguinte, de 50 a 55, aparecem na literatura brasileira características como o nacionalismo esquerdizante, a valorização da arte regional e popular – por gente como Ariano Suassuna; o surgimento de uma nova vertente poética do modernismo: a poesia concreta, além de dois escritores que surgem com linguagem única, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto.<sup>19</sup>

Mas o adensamento da lírica moderna apontada por Bosi também mantém, segundo o autor, sua linha evolutiva. “Se o veio neo-realista da prosa regional parece ter-se exaurido no decênio de 50 (...), continua viva a ficção intimista que já dera mostras de peso nos anos de 30 e 40”<sup>20</sup>. É esta linha a que mais se assemelha com o conteúdo de *Crucial*, portanto é interessante que nos debruçemos nela.

---

<sup>17</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª.edição, p. 386

<sup>18</sup> Idem, p. 386

<sup>19</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª.edição, p. 386-7

<sup>20</sup> Idem, p. 388

Bosi cita como bons expoentes desta ficção intimista autores como Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, Daltyon Trevisan e Dyonélio Machado, que segundo ele, “têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa”.<sup>21</sup> O autor faz ainda um apanhado geral de características da boa literatura do pós-guerra. “A consciente interpenetração de planos (lírico, narrativo, dramático, crítico) (...) que possa espelhar o pluralismo da vida moderna; caráter – convém lembrar – que estava implícito na revolução modernista”.<sup>22</sup>

#### 1.4 Panorama da literatura no Rio Grande do Sul

O Modernismo de 22 não teve o mesmo impacto na literatura feita no Rio Grande do Sul que em outras partes do País. A poesia gaúcha, como aponta Regina Zilberman, se manteve ligada às técnicas e ao ideário simbolista, caso do expoente maior Mário Quintana.<sup>23</sup> Quanto à prosa, Lígia C. Moraes Leite constata que esta se manteve conservadora do ponto de vista estético e ideológico, não acompanhando mudanças como o crescimento da vida nas cidades.<sup>24</sup>

Na poesia alguns nomes esparsos acompanharam o Modernismo, não constituindo um movimento. Raul Bopp foi quem mais mergulhou nas ideias novas, como a antropofagia proposta por Oswald de Andrade. Outros nomes que aderiram à estética moderna, ou não viviam mais em Porto Alegre, caso de Álvaro Moreyra, ou apenas agregaram as influências novas ao regionalismo já existente, como nota Alfredo Bosi:

“Em Porto Alegre configurou-se um grupo cuja melhor produção resultaria de uma síntese das inovações modernas e do respeito à cultura gaúcha. É o que se depreende da leitura de Augusto Meyer a partir de Giraluz (poema, 1928) e de típicos regionalistas como Pedro Vergara, Vargas Neto e Manuelito de Ornellas”.<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª.edição, p. 388

<sup>22</sup> Idem p. 388

<sup>23</sup> ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 3ª. edição, p. 75

<sup>24</sup> LEITE, Lígia C. Moraes. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978 apud. ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 3ª edição, p. 75

<sup>25</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª.edição, p. 344



Na prosa, a literatura do Estado conseguiu estar novamente conectada à do resto do País a partir da geração de 30. Nomes como Érico Veríssimo, Dyonélio Machado e Cyro Martins mantinham uma temática regionalista, mas ampliam o repertório com crítica social e utilização de paisagens urbanas. Para Zilberman, “a literatura do Rio Grande do Sul afina-se ao movimento da prosa nacional, acompanhando sua trajetória rumo à investigação do lugar do homem na sociedade e estrutura econômica”.<sup>26</sup> O romance psicológico e intimista também foi introduzido no Estado nesse período, a partir de Reynaldo Moura, em 1935, enquanto que a poesia vai se libertar do simbolismo e se conectar ao presente e à existência a partir das décadas de 50 e 60.

Um dado notável e que vai interessar em especial ao resgate de *Crucial* é a pouca participação feminina na literatura do Rio Grande do Sul até os anos 70. Regina Zilberman aponta que o século XIX fora pródigo em poetisas como Luciana de Abreu e Amália Figueroa. Mas no século XX a participação da mulher fora esparsa, contando com Lila Ripoll, desde a década de 40, na poesia, e com Lara de Lemos, a partir dos anos 50, até a afirmação do romance de Tânia Faillace, em 1964, com *Fuga*.<sup>27</sup> A participação de Vera Mogilka em *Crucial* é, portanto, um dado notável.

Carla Bassanezi nota que na década de 1950 no Brasil as condições da vida urbana haviam modificado as relações entre estas e os homens, mas apesar disso ainda havia “uma moral sexual diferenciada e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, ‘chefe da casa’”.<sup>28</sup> Nota ainda que os casamentos já não eram realizados por escolha dos pais, mas por afeto. Sendo assim, os pais não podiam mais manter as garotas em casa e por isso era necessário dar “ênfase na educação para o autocontrole das moças”.<sup>29</sup> Deste modo, eram comuns manifestações conservadoras contra o cinema americano e mesmo contra a literatura:

“Alguns conservadores chegavam a criticar o cinema americano por trazer para o Brasil *más influências*, mostrando como normais hábitos *condenáveis*, tais como mocinhas ousadas e cheias de iniciativa, que não respeitam os mais velhos ou que não vêem mal algum em passar horas com um rapaz em seu quarto ou apartamento!

---

<sup>26</sup> ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 3ª edição, p. 94

<sup>27</sup> Idem, p. 145

<sup>28</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed. p. 608

<sup>29</sup> Idem, p. 610

A literatura também estava em suspeita e os pais e educadores deveriam procurar controlar as leituras das moças recomendando obras edificantes ou, ao menos, inofensivas à moral e aos bons costumes”.<sup>30</sup>

## 1.5 As revistas literárias no Brasil e a imprensa gaúcha

O *boom* das revistas literárias no País é um fenômeno intrinsecamente ligado à modernidade. Começam a aparecer no Brasil ainda na primeira metade do século XIX. Mas é no Rio de Janeiro em constante processo de urbanização, na segunda metade daquele século, que começa a florescer esse tipo de publicação. Encontrarão eco isoladamente nas demais capitais, caso do *Parthenon Literário*, em Porto Alegre, exemplo para Francisco Rüdiger de que “a sociedade civil estava começando a se complexificar nessa época; havia novas necessidades culturais e os rudimentos de uma camada intelectual na sociedade”.<sup>31</sup>

Na virada do século, temos a consolidação destes veículos, que passam a conciliar “poetas parnasianos e simbolistas, ilustrações de reformas urbanísticas, a crônica da vida social ou charges políticas”, aponta Raúl Antelo.<sup>32</sup> Surgem nessa fase publicações como *Fon-Fon*, *A Maçã*, *A Cigarra*, *O Malho*, entre outras. Em revistas como essas é que começa a despontar o modernismo no País.

E após a Semana de Arte Moderna de 22 terão função essencial, servindo como manifesto, defesa de novos valores éticos e estéticos e apresentando em seu conteúdo excertos do que serão as novas tendências da literatura. Um marco deste período é a revista *Klaxon* (1922-23), intimamente ligada aos modernistas de 22, em São Paulo. Mas esse tipo de publicação ocorrerá também em localidades fora do eixo Rio-São Paulo, como em Belo Horizonte com *A Revista*; em Belém, com *Flaminaçu*; *Arco e Flexa*, em Salvador; e em Porto Alegre, onde surge *Madrugada*, em 1928.<sup>33</sup>

A partir de 1930, começam a aparecer várias tendências nas revistas literárias, desde publicações católicas, até as mais voltadas à reflexão política, das mais conservadoras até as que propagavam ideias socialistas ou comunistas. Entre as últimas,

---

<sup>30</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed. p. 610

<sup>31</sup> RUDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: Editora Universidade/Ufrgs, 1993. p. 44

<sup>32</sup> ANTELO, Raúl. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em ([http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim\\_de\\_Pesquisa2/texto\\_raul.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_raul.htm))

<sup>33</sup> ANTELO, Raúl. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em ([http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim\\_de\\_Pesquisa2/texto\\_raul.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_raul.htm))

obtiveram destaque *Literatura* (1946-48), de Astrojildo Pereira, do PCB.<sup>34</sup> Em Porto Alegre, o comunismo aparecia no jornalismo literário com a revista *Horizonte*. A publicação surge em 1949, a fim de divulgar novos autores e ideias, mas a partir do seu quarto número, em 1950, passa a ser um veículo oficial do PCB, defendendo a estética marxista do período stalinista, mas não apenas isso.

“Sob a direção da poeta Lila Ripoll e tendo uma equipe editorial formada por, entre outros, Nelson Souza, Carlos Scliar, Vasco Prado, Fernando Guedes, Plínio Cabral, Cyro Martins e Lacy Osório, a revista contribuiu para a divulgação de autores e obras sul-rio-grandenses, dando destaque à discussão das questões e conflitos sociais e culturais de seu tempo.”<sup>35</sup>

Entre 1949 e 1956 foram editados 32 números de *Horizonte*, nos quais se destacou figuras como Luis Carlos Prestes, Josef Stalin, manifestações comunistas na China e a Conferência Continental Americana pela Paz, realizada em Montevideu, em 1952. Além disso, a publicação produziu vasto material sobre literatura, cinema, teatro e artes plásticas e procurava ser divulgadora da arte popular, não-burguesa.<sup>36</sup>

O cenário do jornalismo literário em Porto Alegre, portanto, à época em que foi concebida *Crucial* contava, principalmente, com a revista *Quixote* que, como vimos, tinha essência ensaística e reunia reflexões acerca da cultura no Rio Grande do Sul e *Horizonte*, que propagava ideias vinculadas à União Soviética. Outras revistas já haviam sido feitas e desfeitas, como a *Fronteira*, que teve três edições entre 1949 e 1951, também contando com a participação de Paulo Hecker Filho.

Afora essas publicações independentes, a imprensa na capital na década de 1950 já não se diferia muito do que é atualmente no que diz respeito ao perfil empresarial e monopolista. Segundo Francisco Rüdiger, as quatro primeiras décadas do século XX foram de transição de um modelo de jornalismo baseado na dualidade política do estado, o qual reunia publicações estritamente partidárias e outras que já visavam ser empreendimentos comerciais – jornais noticiosos e literários que, na prática, não conseguiam se desvincular das relações políticas, para o novo modelo ligado ao

---

<sup>34</sup> Idem

<sup>35</sup> BALBUENO, Luciana. *A estética engajada da revista Horizonte*. Disponível em [http://www.margs.rs.gov.br/ndpa\\_sele\\_aestetica.php](http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_aestetica.php)

<sup>36</sup> Idem

desenvolvimento do capitalismo no País, “adotando padrões de organização empresarial como meio de sobrevivência”.<sup>37</sup>

Já na implantação deste padrão, as mazelas que se encontram atualmente na imprensa do estado apareciam:

“(...) essa transição para um novo regime jornalístico não foi progressista, o mercado não comportava, como não comporta até hoje, grande concorrência: o público leitor era limitado por fatores econômicos e educacionais, e o número de anunciantes não era suficiente para sustentar várias empresas. Por isso, as tendências jornalísticas que vêm se consolidando desde essa época têm se caracterizado pela concorrência monopolista entre vários jornais”.<sup>38</sup>

O *Correio do Povo* fora o jornal que melhor se preparara para o modelo capitalista, tanto por sua organização, quanto por manter opiniões políticas veladas, quando a imparcialidade chegava a ser condenada. Na década de 50, a Caldas Júnior tinha ainda a *Folha da Tarde*. Seu maior concorrente era o *Diário de Notícias* que, em 54, teria sua decadência decretada por que a população de Porto Alegre associara o suicídio de Getúlio Vargas com a oposição que lhe fazia o veículo pertencente aos Diários Associados de Assis Chateaubriand.

A impulsão do capitalismo também permitiria que as revistas, quase sempre associadas a jovens independentes que mantinham a atividade à duras penas, tivessem seus empreendimentos comerciais bem-sucedidos. A *Revista do Globo* foi quem preencheu esta coluna, tendo sido criada em 1929 e fechada em 1967, sucumbindo às concorrentes de circulação nacional como *O Cruzeiro* e *Manchete*. A editora Globo manteria ainda outra importante publicação, a *Província de São Pedro*.

Sob a direção de Moisés Velinho, foi uma revista literária de periodicidade (nem sempre) trimestral criada em 1945 e que durou até 1957. Contava com ensaios escritos por nomes já bem estabelecidos na literatura do Rio Grande do Sul, como Augusto Meyer, e até figuras de destaque nacional como Otto Maria Carpeaux. Destacava-se o nome de Guilhermino César. Mineiro, Guilhermino fora um dos fundadores em 1928, aos 19 anos, da revista *Verde*, importante publicação da cidade de Cataguases, que contou com a colaboração de nomes como Mário de Andrade e Carlos

---

<sup>37</sup> RUDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: Editora Universidade/Ufrgs, 1993. p. 55

<sup>38</sup> Idem, p. 55

Drummond de Andrade. Mudando-se para Porto Alegre, trabalha na imprensa – *Correio do Povo*, além da *Província de São Pedro* - é dramaturgo, ocupa cargos públicos de extrema relevância como a chefia de gabinete do governo de Ernesto Dorneles e a secretaria da Fazenda. Em 1990 é patrono da Feira do Livro, três anos antes de falecer.<sup>39</sup>

Nas décadas de 40 e 50, Guilhermino César era quem oxigenava a grande imprensa, um tanto conservadora, com ideias modernistas e quem apoiava, portanto, os jovens que encaravam o desafio de impor novas tendências à literatura do Rio Grande do Sul. Trecho escrito na coluna “Livros e Idéias”, da *Província de São Pedro* dá uma noção de seu incentivo à juventude.

“Remando contra a maré, os novos estão aí inquietos e vibrantes (...) além de livros, publicaram revistas bem interessantes como *Quixote*, *Fronteira*, *Princípio* e *Crucial*, em cujas páginas apareceram alguns dos nomes mais em evidência nos círculos bulhentos de nossa juventude”.<sup>40</sup>

A atuação de Guilhermino César como agitador cultural não se limitava à imprensa. Sua casa, como a de Hecker, sediara as reuniões do grupo *Quixote*.<sup>41</sup>

## 1.6 Sartre, Simone e o existencialismo

Jean-Paul Sartre foi personagem central do século XX e, segundo, José Paulo Bisol, *Crucial* fora um grito existencialista em Porto Alegre. Nascido em 1905, o francês foi talvez o filósofo que conseguiu dar mais notoriedade às ideias que propunha, e a sua própria figura. Entre o final da década de 30 e 1980 (ano de sua morte) escreveu peças, romances, contos e, ao lado de Simone de Beauvoir, formou um casal ícone, em boa parte do planeta, de uma nova forma de pensar e de se comportar. A postura de enfrentamento dos valores estabelecidos causou escândalos, fez com que sofresse contra si passeatas; houve até dois atentados à bomba em seu apartamento já na década de 60.

No Brasil, à época em que fora fundada *Crucial*, a penetração de Sartre era tamanha que dois anos antes, em 1949, o compositor Braguinha lançara a marchinha

---

<sup>39</sup> Memorial do Rio Grande do Sul. *Caderno de história*, n. 25. p. 8. Disponível em (<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/ensaistas.pdf>)

<sup>40</sup> CÉSAR, Guilhermino, *Livros e idéias* in: *Província de São Pedro*, n. 17. Porto Alegre: Editora Globo: 1952. p. 157-58

<sup>41</sup> BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994, p. 19

carnavalesca “Chiquita Bacana”, sucesso na voz de Emilinha Borba e regravada nos Estados Unidos, Argentina, Itália, Holanda, Inglaterra e França:<sup>42</sup> “Existencialista com toda razão/Só faz o que manda o seu coração”

Poucos anos depois, em 1960, Sartre daria entrevista à televisão brasileira, para a *Excelsior*, sendo inquirido por Bento Prado Júnior, Roberto Schwartz e Fernando Henrique Cardoso. Foi no Teatro Cultura Artística, para uma plateia de mil pessoas, dentre as quais Sérgio Buarque de Holanda e a família. Como aponta matéria da revista *Brasileiros*:

“Sartre era uma estrela mundial. Talvez poucos brasileiros soubessem muito a respeito de sua filosofia, mas ele era um filósofo. Muitos achavam que ser existencialista era só ‘fazer o que manda o seu coração’, como ensina a letra de “Chiquita Bacana”. Ou que existencialismo era ter direito a ir pra cama com outras mulheres além da sua”.<sup>43</sup>

O existencialismo, portanto, estava amplamente difundido como um ideal de liberdade. Ainda mais marcadamente para a libertação feminina, já que Simone de Beauvoir propagava uma independência a que poucas mulheres se permitiam. Mas para além da vivência de ambos, há a concepção filosófica do existencialismo.

Para Sartre a existência precede a essência, ou seja, o homem será aquilo que fizer de si mesmo. Desta premissa, o filósofo crê que o homem é totalmente responsável por sua existência. Não há fator externo ao homem, é ele quem cria os valores e dá sentido à sua vida. Além disso, acredita que somos não apenas responsáveis por nossa existência individual, como pela de todos os homens. “(...) não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser”.<sup>44</sup> Portanto, nossas escolhas estão sempre engajadas com um ideal de humanidade.

E o ideal que existencialismo buscava era o de uma liberdade coletiva, na qual cada indivíduo busca a sua liberdade e a do outro. Sartre dizia “não posso ter como

---

<sup>42</sup> *Biografia de Braguinha* in: *Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira*. ([http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Braguinha&tabela=T\\_FORM\\_A&qdetalhe=art](http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Braguinha&tabela=T_FORM_A&qdetalhe=art))

<sup>43</sup> SOLNIK, Alex. *O dia em que Sartre fundiu a cuca*. in *Revista Brasileiros* n. 23, p. 75

<sup>44</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo* in PESSANHA, José Américo (org.). *Os Pensadores: Sartre*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 3ª. edição, p. 6

objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros”.<sup>45</sup>

Segundo José Paulo Bisol, era essa visão mais intelectualizada de liberdade que os membros de *Crucial* compartilhavam, não a visão popularesca segundo a qual o existencialismo seria apenas fazer o que se quer, explicitada na reportagem da revista *Brasileiros*. “A liberdade para nós envolvia muito a dignidade”, explica. Bisol também relata que já se pensava que o sexo tinha que ser livre, já se combatia os preconceitos, mas que não se restringia a essas questões.<sup>46</sup>

O engajamento de Sartre e a busca por uma liberdade coletiva não ficava apenas no plano filosófico. O francês procurava viver o existencialismo nos planos moral e político. Neste último, naturalmente ligava-se ao pensamento de esquerda. “Viver como existencialista é aceitar pagar por essa doutrina e não impô-la através de livros. (...) a filosofia é obrigada a descer em praça pública”.<sup>47</sup>

Assim, o intelectual participa ativamente da vida política. Em 1941, funda o movimento *Socialismo e Liberdade* que é parte da resistência francesa ao domínio alemão na Segunda Guerra Mundial. Em 52, filia-se ao Partido Comunista Francês, do qual se desligaria em 56 após a intervenção soviética na Hungria, a qual não era condizente com seu ideal de liberdade. Mantém-se atuante no plano intelectual, criticando o colonialismo francês na Argélia e a guerra do Vietnã. No ano de 1964, recusa um Prêmio Nobel de Literatura pela autobiografia *As Palavras* por não reconhecer a autoridade dos juízes. Em maio de 68, apoia os estudantes franceses. Até sua morte, em 1980, segue propagando ideias libertárias.

Décadas antes, em 1924, Sartre conhece Simone de Beauvoir na universidade, em Paris. Os dois estudantes de Filosofia se tornariam um casal referência, no que diz respeito ao comportamento, pelas posições, por parte dela de não aceitar uma suposta opressão, uma relação patriarcal; e por parte dele, por não exercer esta opressão. Dentro dessa linha, os dois nunca casaram, nem mesmo viveram juntos. No máximo, moraram no mesmo hotel, mas em quartos separados. O casal também jamais teve filho. Simone se recusava a aceitar o papel da maternidade como papel natural da mulher, como

---

<sup>45</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo* in PESSANHA, José Américo (org.). *Os Pensadores: Sartre*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 3ª. edição, p. 19

<sup>46</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>47</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo* in PESSANHA, José Américo (org.). *Os Pensadores: Sartre*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 3ª. edição, p. 23

também o exercício de tarefas domésticas. Além disso, os dois garantiam que não possuíam qualquer tipo de receio quanto a manter relações sexuais com outros parceiros, mantendo um tipo de relacionamento que só seria um pouco usual a partir dos anos sessenta, e que ainda assim é muito restrito até os dias de hoje.

A insubmissão de Beauvoir também se manifestava ideologicamente em sua obra como escritora. Em 1949, tornou-se ícone do feminismo, ao escrever “O Segundo Sexo”, ensaio no qual dissecava fatos e mitos sobre a mulher e o faz sob diversas perspectivas, desde a biológica, a histórica, passando pela visão da psicanálise e a do materialismo histórico. Apesar disso, não se dizia feminista, porque acreditava que o socialismo levaria à mulher a uma condição de igualdade. No final dos anos sessenta, iria rever essa posição e aderir aos crescentes movimentos feministas.

Depois de observar a posição da mulher no bloco socialista, verificou que, mesmo com a inserção da mulher no trabalho em posição superior que a verificada nos países capitalistas, ainda assim cumpriam dupla jornada porque exerciam unicamente as tarefas domésticas. Também verificou que as moças somente tinham acesso a cargos nas áreas de ensino e medicina. Os empregos mais valorizados, na engenharia e na pesquisa científica, eram quase que exclusivos aos homens. Só a partir dessa constatação, portanto, é que adere ao feminismo como algo não necessariamente ligado ao socialismo.<sup>48</sup>

Mesmo negando o feminismo, sua obra se torna referência. Integrante desses grupos, a alemã Alice Schwarzer explica que no pós-guerra o papel das mulheres fora arrefecendo nas sociedades ocidentais, o que tornou “O Segundo Sexo”, uma espécie de ilha para os ideais femininos:

“Durante a guerra, as mulheres tinham ocupado “postos de homens”, adquirido conhecimentos e confiança nelas mesmas. Agora, nos anos imediatos ao pós-guerra, foram mandadas de volta a casa e se submetem, mais uma vez, ao decreto da “feminilidade”. Foi então que Simone de Beauvoir, ao escrever *O Segundo Sexo*, ergueu a bandeira da revolta. Sozinha.”

Eric Hobsbawm corrobora com esse arrefecimento do feminismo, explicando que logo após a Primeira Guerra Mundial, esses movimentos haviam conquistado o voto e outros direitos civis em boa parte da Europa e na América do Norte, e depois “trocado a

---

<sup>48</sup> SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 2ª.edição. p. 28-9



luz do sol pelas sombras”, até seu reflorescimento, na década de 1960.<sup>49</sup> É compreensível, portanto, a dimensão que atingiu a figura de Simone de Beauvoir para as mulheres, especialmente na década de 1950. A francesa dera certamente novo ânimo, para que se retomassem as lutas femininas.

---

<sup>49</sup> HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 305-6

## CAP 02 . Os temas e os percalços de *Crucial*

Para introduzir o segundo capítulo serão mostrados alguns dados gerais sobre *Crucial*, também acerca da capa e da epígrafe que, como veremos, era uma espécie de editorial; para depois abordar o conteúdo da produção literária publicada na revista. Algumas questões estéticas serão analisadas, bem como temas recorrentes, com especial destaque para a escritora Vera Mogilka, cuja obra representa importante participação feminina para o período. Passagens que mereçam serem lembrados por sua importância literária também serão aqui estudadas.

### 2.1 Periodicidade e recursos

Foram ao todo cinco edições. O primeiro número saiu em dezembro de 1951, em fevereiro do ano seguinte sai a segunda edição. O terceiro número é lançado em setembro de 1952, o quarto número em janeiro de 1953 e o quinto só em junho de 1954 – um ano e meio de espaço entre as duas últimas edições, portanto.

Como se vê, não havia uma periodicidade a ser seguida. Talvez o intuito tenha sido de lançar trimestralmente a publicação, já que foi este o espaço de tempo entre o lançamento dos números 1 e 2. É bem possível que as dificuldades de captar recursos tenham feito com que o grupo recuasse nessa intenção.

O certo é que as dificuldades para conseguir anúncios existiam conforme José Paulo Bisol. Ele explica que muitos patrocínios eram conseguidos por meio de pessoas conhecidas. Na contracapa da segunda edição, por exemplo, há um anúncio do dentista Alberto Persson, pai de Milton Persson, amigo muito próximo dos diretores de *Crucial*.<sup>50</sup> Persson era um dos amigos que estavam sempre junto dos que escreviam e ajudavam no que podiam. Entre outros, estavam Walmor Chagas, Synaval Guazelli e Antônio Carlos Resende.<sup>51</sup>

Bisol explica que os três diretores também iam até as empresas tentar vender patrocínios, “mas só quem levava jeito era o Paulo (Hecker Filho)”.<sup>52</sup> Mas pelo perfil dos anunciantes, percebe-se que havia alguma amplitude no apoio que recebia a publicação. Se um dentista possivelmente não disponibilizava um grande aporte financeiro para a revista, havia outros patrocinadores como a Caixa Econômica Federal

---

<sup>50</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>51</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 221

<sup>52</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

e o Banco do Rio Grande do Sul. Além deles, alguns produtos curiosos como fogão Geral, que se proclamava “o fogão da economia”, o método Linguaphone, um conjunto de discos de vinil e apostilas para se aprender línguas estrangeiras; bem como o fortificante Isis Vitalin, que dentre suas inúmeras propriedades era “uma delícia para as mulheres na menopausa”.

Havia ainda patrocinadores com o mesmo perfil do dentista Alberto Persson, os quais, tudo indica, tenham ajudado também por proximidade com os diretores de *Crucial*. Casos do Dr. Paulo Pereira Lima, tisiólogo, que tratava doenças pulmonares e do candidato a deputado estadual Wadie Salomão, do PSD, que vaticinava “Mocidade para velhos problemas”. Além destes exemplos, há alguns estabelecimentos comerciais, como “A Estrêla das Sedas”, a farmácia “Rex”, o verejo “Bromberg”, a Casa Lyra e, até, uma instituição de ensino, o Colégio Ruy Barbosa.

Era bastante plausível que o grupo esperasse um bom aporte de recursos para lançar cada nova edição da revista, uma vez que a preocupação maior era com a qualidade da publicação, já que o objetivo da equipe de *Crucial* não era obter dali uma fonte de renda. Bisol explica que quanto mais dinheiro houvesse para uma edição, mais páginas acrescentariam.<sup>53</sup> E o número de páginas, portanto, também oscilou, como variava a verba disponível. Começou humildemente, a primeira edição é a menor, com 24 páginas. A segunda tem 34 páginas; a terceira, 44; a quarta, 42; e a quinta, 52.

As capas também dão uma ideia da oscilação financeira no orçamento da revista. As duas primeiras edições têm o nome da revista e a data em cores. Nas demais edições eram em preto-e-branco. Esta primeira página tinha sempre alguma gravura, que não aparentam seguir uma linha. Na primeira edição, há um monstro de forma típica dos movimentos artísticos de vanguarda do século XX. Na segunda edição, aparece a figura de um negro, componente de uma tribo africana (ver Anexos). José Paulo acredita que Hecker era quem extraía as imagens de livros de arte.<sup>54</sup>

Mesmo com os percalços, o fato é que o primeiro número conta com cinco diferentes anunciantes, o segundo número conta com seis e o terceiro com sete. A quarta edição teve apenas um patrocinador, o que pode explicar o hiato de um ano e meio até o quinto, e último, número. Este, por sua vez, contou com sete anunciantes. Mesmo que tenha havido uma boa sorte de patrocinadores em quase todas as edições, Bisol afirma

---

<sup>53</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>54</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

que geralmente faltava dinheiro. O restante acredita que saía do bolso do pai de Paulo Hecker Filho.<sup>55</sup>

A tiragem foi definida por Bisol como mínima, não soube precisar um número exato. Segundo aponta Hecker em uma entrevista, a revista *Quixote* tinha tiragem de 500 exemplares. É razoável pensar que *Crucial* possuísse número semelhante. Era vendida em bancas, mas também distribuída. Sobre *Quixote* também disse que “demoravam nas bancas, o mais importante era o envio da revista a escritores e jornalistas de todo o país”.<sup>56</sup> Paulo Hecker Filho, um missivista compulsivo, também enviava exemplares de *Crucial* para escritores de outras partes do Brasil, o que geraria uma maior repercussão da revista entre este meio (ver capítulo 3).

## 2.2 A liderança de Hecker e as leituras

Como já foi dito no primeiro capítulo, e assegurado por José Paulo Bisol, foi Paulo Hecker Filho quem teve a ideia e convidou os demais para participar de *Crucial*. A liderança de Hecker, inclusive, como visto, na captação de recursos, era natural. Mais velho que os demais diretores (nascera em 1926; Linneu em 27, e José Paulo em 28), Hecker antes do lançamento da revista já havia publicado os livros *Diário (dezembro, 1948- março, 1949)*, *Ah! Terra: diário em poemas*, *Na paz da lua: contos* e *Internato: novela* e já participara das revistas *Quixote* e *Fronteira*. Até 1954, ainda lançaria *A alguma verdade: crítica a autocrítica (1947-1952)*, *Triângulo: teatro, novela, poesia* e *A vida nos braços*. Era, portanto, muito mais experimentado na literatura que os outros diretores e o único que seguiria se dedicando a uma carreira literária. O próprio Hecker definiria esta sua maior participação nas coisas da revista, anos depois: “na prática, eles conversavam e eu fazia”.<sup>57</sup>

Ainda segundo Bisol, Paulo também possuía uma ascendência intelectual sobre os demais, principalmente sobre o próprio José Paulo e Vera Mogilka. Afirma que Linneu tinha uma luta por autonomia<sup>58</sup>, mas os outros dois geralmente liam as coisas

---

<sup>55</sup> Idem

<sup>56</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 215

<sup>57</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 30

<sup>58</sup> Sobre o que foi dito por Bisol acerca da luta de Linneu por autonomia é interessante pinçar o que diria Hecker a respeito muitos anos depois: “Lineu tinha um acabamento formal raro em jovens. Foi logo crítico de cinema na imprensa diária por mais de ano (...). Lineu tinha parado de escrever, em pleno sucesso de estima e público. Por quê? Ainda me espanta sua explicação: concluíra que era mais eu do que ele quem fazia as suas crônicas, ao endossar minhas visões e fervores. Não só parou, como voltou ao seu

que Hecker recomendava. Texto de Guilhermino César na revista *Província de São Pedro* – já citado no primeiro capítulo - dá ideia, tanto da liderança de Hecker, quanto do que era lido pelos integrantes de *Crucial*:

“A sua capacidade de contágio, bem o demonstra a revista *Crucial*, em que vemos um pequeno grupo, aliás expressivo, gravitar em torno de Paulo Hecker, o que tudo faz supor a sua fixação num meridiano literário que seria antes europeu que americano. São as idéias de Unamuno, de Sartre, de Pessoa sôbre arte e conceito de vida, as dominantes entre os jovens desse reduto que Hecker Filho aglutinou ao ser redor”.<sup>59</sup>

Para Bisol, os autores mais lidos podem ser percebidos facilmente lendo *Crucial*, ainda que vaticine que basicamente giravam em torno de Sartre.<sup>60</sup> E podem mesmo por que são citados no corpo da revista e, mais ainda, no espaço dedicado às críticas literárias, sempre escritas por Hecker na parte final de cada edição da revista. Mas logo na página 3, sempre havia a citação de um trecho de alguma obra de autores que gostavam.

### 2.3 As epígrafes e o *Vôo Crucial*

Abaixo do expediente, no qual constavam apenas “Diretores: Lineu Dias, José Paulo Bisol e Paulo Hecker Filho” e o endereço – que era o da residência de Paulo - havia a epígrafe, na verdade uma espécie de editorial, mas que era composto por trechos extraídos de obras de outros autores. Pode-se considerar como um editorial porque os excertos sempre traziam a defesa de algum ponto de vista literário e que, não raro, transbordava para uma visão de mundo mais ampla.

Na segunda edição, por exemplo, havia um trecho de Bernard Shaw, em *Man e Superman*, no qual o escritor defende que não adianta ter estilo se nada se tem a escrever.<sup>61</sup> No terceiro número, um excerto do argentino Eduardo Mallea, em *Historia de una pasión argentina*, no qual o autor defende a execração dos eruditos e paixão pelos criadores.<sup>62</sup>

---

Livramento de origem para convalescer de Paulo Hecker Filho” in: HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 30-1

<sup>59</sup> CÉSAR, Guilhermino, *Livros e idéias* in: *Província de São Pedro*, n. 17. Porto Alegre: Editora Globo: 1952. p. 158

<sup>60</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>61</sup> *Crucial*, n.2, p. 3

<sup>62</sup> *Crucial*, n.3, p. 3

O quarto número apresenta uma epígrafe intitulada “Bem fizeste em partir, Artur Rimbaud!”, extraído de *Fureur et Mystère*, de René Char.<sup>63</sup> Na quinta edição, Ortega y Gasset, em *El Espectador*: “Convém arrancar a arte das mãos do bom burguês, em que caiu prisioneira, e fazê-la desconfortável, isto é, autêntica. Em vez de adaptá-la às almas inertes, importa tentar o contrário: fustigar as gentes para que sejam capazes dela”.<sup>64</sup>

A primeira edição contém uma epígrafe que é mais que a defesa de algum ponto de vista. Trata-se de um excerto do poema *D. Fernando, Infante de Portugal*, de Fernando Pessoa e talvez fosse a intenção dos integrantes de *Crucial* mostrar que estavam dispostos a travar uma batalha contra a sociedade e a literatura conservadora de Porto Alegre:

“Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça  
A sua santa guerra.  
(...)  
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma”.<sup>65</sup>

Além disso, a primeira edição traz ainda um editorial intitulado “O Vôo Crucial”, que traz todos os objetivos utópicos dos jovens escritores e algumas constatações sobre a literatura gaúcha as quais abordamos no capítulo um. O texto abre dizendo são apenas quatro pessoas, mas que isso “pode crescer, gerar sombra respirável, onde novos ousem, solidários, gestos livres de criação” e segue afirmando que os quatro são “quatro possibilidades de combate e quatro campos distintos de batalha”. O combate, o editorial deixa claro, é para que se constitua uma literatura no Rio Grande do Sul, já que para os escritores “nunca se pôde falar aqui em literatura”, embora reconheçam haver talentos isolados, elencando neste rol Érico Veríssimo, Mário Quintana, Simões Lopes Neto e Alcides Maia. O inimigo nesta luta seriam os que pregam restrições morais ou literárias, como fica claro neste trecho: “(...) embora os escândalos dos imbecis contra nós, se arvorem em moralismos, restrições literárias, silêncios ou outras baixezas”.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> *Crucial*, n.4, p. 3

<sup>64</sup> *Crucial*, n.5, p. 3

<sup>65</sup> *Crucial*, n.1, p. 3

<sup>66</sup> *Crucial*, n.1, p.4

O texto deixa claro, ainda, a intenção de a publicação ter um papel nacional, reconhecendo a ousadia da pretensão e criticando duramente a cena literária e, ao que tudo indica, jornalística do País.

“Reclamamos também um papel nacional, mas com malícia. Os asnos continuarão pastando papel impresso no Brasil, completamente indiferentes à nossa existência ou a qualquer outra. Nada, porém, esperamos deles, e sim de alguns solidários, de alguns descontentes com esta literatura nossa atual, aguada, urinada, que, com raras exceções, nem cria o problema do homem, subsiste, subsiste, como um balbuciar de incapazes para a vida”.<sup>67</sup>

A arrogância que transparece neste trecho também se volta contra o leitor, com o último parágrafo esclarecendo que perturba ter de “abrir os olhos dos leitores nesta apresentação”, mas que isso teve de ser feito porque ninguém sabia ler no meio em que conviviam, a ponto de terem de gritar para que chegasse “um suspiro de onda sonora a êsses tímpanos endurecidos”. Apesar disso, há momentos de modéstia no editorial como em que reconhecem que uns poucos irão ouvi-los e também quando dizem que ainda faltava muito para atingirem o grau de consciência desejado.<sup>68</sup>

Após este editorial introdutório, a revista se desenrolava com a produção literária de cada participante da revista, dividida assim mesmo, por autor. O grosso da revista eram estas obras. Produção basicamente composta por contos e poemas, mas Vera Mogilka publica, por exemplo, um esquete teatral na quinta edição. No mesmo número, Linneu publica anotações suas sobre literatura e Paulo Hecker Filho, no número dois, uma entrevista feita consigo por um repórter de um jornal do Interior (não cita o nome do veículo). O espaço principal da revista era, portanto, dividida por espaços livres para cada autor. Importa-nos saber que aspectos dentre desse conteúdo principal interessam pinçar.

#### **2.4 Formalidade e informalidade, estilo literário em *Crucial***

O período de dois anos e meio de duração da revista, permite que apareçam diferentes tentativas na produção literária dos jovens que compunham *Crucial*. Um lirismo exagerado, que abusava das metáforas e se utilizava de uma linguagem muito formal era corriqueiro nos textos literários. Os escritores muitas vezes não tinham

---

<sup>67</sup> Idem

segurança para usar um vocabulário mais leve, mais solto. Mas muitas vezes ocorre o oposto com textos e temas bastante arrojados e também boa dose de experimentalismo.

É interessante comparar a poesia de José Paulo Bisol, por exemplo, nos números dois e cinco. Em “A menina e o soldado”, dizia: “(...) A humanidade é a dor como um oceano, como um céu, como a palma ensangüentada da mão gigante de Deus! (...)”<sup>69</sup>

Já no “Poema”, Deus não mais existe, como não existem mais os pontos de exclamação, a linguagem dramática.

“Passei há pouco pelo quarto de meu pai  
e vi meu pai rezando de joelhos.  
Achei bonito e ri  
Pois eu não rezo mais.(...)”<sup>70</sup>

No quinto número, Bisol conseguiria acrescentar mais humor a sua poesia, e erotismo, com os “Cinco temas proibidos”, cinco poemas nos quais fala das calcinhas, dos corpinhos e das saias íntimas de Liana no varal nos três primeiros; do cheiro e do sexo de Liana nos dois últimos.<sup>71</sup> Bisol era o mais marcadamente poeta. Todos escreviam poesia, mas era só ele quem se dedicava mais aos poemas que à prosa. Segundo Hecker, o colega era “o poeta da turma” e os seus poemas eram “os mais cotados”.<sup>72</sup>

Paulo Hecker Filho alterna momentos de singeleza e humor, com dramaticidade exagerada num mesmo conto, intitulado “A Coruja”. A história se desenrola com o narrador em primeira pessoa e um amigo que observam uma moça pavorosamente feia em uma quermesse. Os dois a chamam para conversar e depois teorizam sobre o que é de charme e de feiúra na garota que julgam parecer com uma coruja. Entretanto, a resolução do texto não mantém a leveza:

“Vê que a olho e transida como está não me conhece, lança-me a dolorosa apreensão: ‘Sou horrível, reparas? Sou horrível.’ E êste momento pensamento tão seu, desce-lhe como um ácido pelo lado do rosto, corrói-lhe o ombro, decepa-lhe o braço, incendeia-lhe a ilharga que caminha! ‘Sou horrível, reparas? Sou horrível’”.<sup>73</sup>

---

<sup>69</sup> *Crucial*, n. 2, p. 26

<sup>70</sup> *Crucial*, n. 4, p. 26

<sup>71</sup> *Crucial*, n.5, p.4-6

<sup>72</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 31

<sup>73</sup> *Crucial*, n.2, p.12-5



Linneu Dias se dedicava muito mais aos contos que à poesia. Seu estilo era geralmente denso, muito descritivo e introspectivo, como no conto “Erguida em beijos”:

“Estou parado entre essas casas cinzentas que nenhum poente transfiguraria, estou parado sôbre as pedras irregulares desta calçada. Minhas retinas esmagadas jamais as esquecerão, pedras, casas, tudo e o ar que pulsa como um chicote distendido”.<sup>74</sup>

A dramaticidade que percebemos no trecho acima, também era representada por um sem número de exclamações e interrogações:

“Por quê? por que então ia vê-la, por que bebia suas palavras, por que cedia à sua imperiosidade? Por que tanta fúria ante suas palavras esta mesma tarde? Apenas porque suas unhas souberam roçar-me a superfície das feridas e o seu desprezo caminhara seguro pelas veredas da minha suscetibilidade?”.<sup>75</sup>

Vera Mogilka era quem tinha o estilo mais despojado. Hecker definiria como de uma “fluência incomum”.<sup>76</sup> As palavras jorravam como quem conversa e fala pelos cotovelos. Usava expressões da época e era quem tinha linguagem mais condizente com a juventude entre os escritores de *Crucial*. Como podemos ver no conto “Everton”:  
“Põe-se na minha frente, arquejante e todo novíssimo, aberto, inesperadamente camarada, aberto à surpresa e ao conhecimento. Plaft! o sôco na cara”.<sup>77</sup>

## 2.5 O pioneirismo de Vera Mogilka

Como já foi dito, Regina Zilberman destaca a pouca presença feminina nas letras do Rio Grandes do Sul até os anos 70. A produção literária de Vera Mogilka em *Crucial* é, portanto, motivo de destaque. Porém, mais que meras obras escritas por uma moça, merecem registro aqui os textos de Mogilka por sua intensa naturalidade ao tratar de temas que ainda eram tabus para a mulher e alguns, como o homossexualismo, que o são até hoje, e imagina-se que na década de 1950 fossem ainda mais. Detendo-se sobre três textos publicados na segunda edição de *Crucial* tem-se um bom apanhado sobre a representatividade da produção de Mogilka para a liberação feminina naquele período.

---

<sup>74</sup> *Crucial*. n.2, p. 4

<sup>75</sup> *Crucial*, n. 2, p. 5

<sup>76</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 32

<sup>77</sup> *Crucial*, n. 2, p. 25

O conto “Amigas” narra a paixão de Carmen, uma menina que ainda está no colégio, por Heloísa, também moça. A narrativa não coloca empecilhos morais à busca incessante de Carmen por reencontrar a garota que havia visto pela primeira vez em um bonde e trata esta relação com naturalidade:

“A outra se encostara na coluna do portão naquele seu jeito de possível, e controlava-a de viés, experimentando-lhe a resistência. Então, ela sabe! me vê, me conhece, se lembra. Cachorra! Mas Carmen delirava. (...) Temia que o seu corpo a afastasse de medo, de inibição, de loucura inexperiente”.<sup>78</sup>

O poema “Libertação” já torna explícito no título as ideias da autora. E o texto mostra uma mulher que se joga no mundo, que experimenta, que se aventura, como os homens já podiam fazer.

“Violar e ser violado! Sacrílego pecado primitivo  
De comer os frutos da Árvore do Bem e do Mal  
(...)  
Continuar na mesma brutalidade ansiosa  
De conhecer e sentir o mundo e suas proibidas coisas  
Continuar violento e mau, violento e bom!  
Continuar! Violar e ser violado! Sofrer – mas provar,  
provar!”<sup>79</sup>

O conto “Everton” narra um encontro da própria Vera em uma biblioteca com um homem a quem só conhecia por telefone. No trecho abaixo podemos ver a mulher se deparando com a própria ingenuidade, com suas idealizações e buscando ser mais preparada para o mundo fora de casa, o qual cada vez mais faz parte da vida feminina.

“A voz no telefone era simpática, construía uma imagem bem provável e romântica (As mulheres! Não abstenho de odiá-las nem me excludo. Êste maldito senso de culpa! Sempre aplicando as *suas* teorias aos fatos, vendo com *seus* olhos. Quando aprenderão a descobrir a realidade! (...) As mulheres! poderia escrever um compêndio contra elas, só alguma Simone de Beauvoir, segundo sexo, inlúcidas, práticas, inconscientes, terneiros balindo. Mas de onde êste desamparo e opressão? Por quê?)”.<sup>80</sup>

Como visto no primeiro capítulo, é natural a citação de Simone de Beauvoir como referência única para as mulheres que buscavam sua “libertação”. A filósofa escrevera apenas três anos antes “O Segundo Sexo” que, à época, fora segundo Alice

---

<sup>78</sup> *Crucial*, n. 2, p. 25

<sup>79</sup> *Crucial*, n. 2, p. 23

<sup>80</sup> *Crucial*, n. 2, p. 25

Schwarzer “uma espécie de código secreto que nós, mulheres em via de despertar, passávamos umas às outras”. Dessa forma, Simone representava um símbolo “da possibilidade (...) de levar sua vida com uma grande parte de autodeterminação, acima dos preconceitos e das convenções”.<sup>81</sup>

A jovem Mogilka que escreve esse texto sintetiza ainda o contraste que Carla Bassanezi explica sobre as moças que como Vera viviam a década de 1950, em uma grande cidade. Por um lado, havia uma educação ainda voltada para que se tornassem boas esposas e mães, para que, enfim, fossem mulheres do lar e que as colocava num papel inferior ao do homem:

“As *moças de família* eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem *mal faladas*. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio, enquanto aos rapazes era permitido ter *experiências sexuais*”.<sup>82</sup>

Por outro lado, o ambiente urbano lhes proporcionava um maior convívio social, e as moças já tinham maior liberdade para fazer valer suas vontades. “Diferentemente de suas avós, as garotas dos anos 50 viviam num tempo de (...) de crescente atenção aos gostos, opiniões e capacidades de consumo da juventude”.<sup>83</sup>

Como explicitado no primeiro capítulo, as jovens nas grandes cidades já não podiam mais ficar reclusas dentro de casa. A maioria já estudava, muitas iriam trabalhar e, além disso, os casamentos já não eram por escolha dos pais, por isso para encontrar um “bom partido”, também precisavam freqüentar bailes, clubes, cinemas e outros espaços de convívio social. Como nota Carla Bassanezi, “nas cidades, várias atividades juvenis não se confundiam nem se misturavam mais com a dos adultos, e, em geral, os jovens já podiam passar grande parte de seu tempo com outros jovens”.<sup>84</sup>

Não à toa, o deslocamento dentro de Porto Alegre é paisagem recorrente nos textos que Vera publicava. Os dois contos sobre os quais já foi falado acima, “Amigas”

---

<sup>81</sup> SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 2ª.edição. p. 11

<sup>82</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed. p. 610

<sup>83</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed. p. 621

<sup>84</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed. p. 621

e “Everton”, são exemplos disso. O primeiro tem como pano de fundo ora o bonde, ora a rua. O segundo começa em uma biblioteca e também há referência ao bonde. Em ambos, o ambiente do convívio escolar é o espaço que permite que a trama se desenvolva.

O aumento da escolaridade nas grandes cidades era notável, como já visto no primeiro capítulo. Este espaço foi tão importante à socialização entre os jovens nas grandes sociedades que, por exemplo, na quarta edição de *Crucial* aparece em três contos de três diferentes autores. Em “O Caminho Final”, de Vera Mogilka, o personagem principal começa a história em dúvida se vai ao colégio ou à biblioteca. “Criaturinha”, de José Paulo Bisol, se passa em uma faculdade. “A Oração da Noite”, de Paulo Hecker Filho, começa com uma menina fazendo a lição de casa. Essas e outras paisagens típicas da vida urbana do pós-guerra seriam os cenários mais recorrentes na ficção publicada em *Crucial*.

## 2.6 Paisagens Cruciais

Dois principais cenários seriam vistos, portanto, na prosa de *Crucial*. O espaço urbano, representados pelas ruas, por meios de transporte como o bonde, ou por lugares públicos, como a biblioteca de Mogilka. Além deste tipo de paisagem, o outro é o espaço da introspecção. O personagem (ou o próprio autor) consigo, com suas indagações apenas; ou, por exemplo, em frente ao espelho, como no conto “O Rosto”, de Linneu Dias:

“Naquele breve momento frente ao espelho, mas a léguas de distância imagem inquietante que repousava nêle, sentia como que um subir de êxtase (...) fascinado ante o mistério essencial sob aquelas consciências que se abriam lentamente”.<sup>85</sup>

O mesmo Linneu, no segundo número, publica um conto que aborda temática introspectiva embora seja um diálogo. A história se passa num ambiente marcadamente urbano. Em “Diálogos”, o narrador ouve uma conversa em um bar. Conversa na qual um dos interlocutores se queixa de características psicológicas suas e vai buscar as origens disso na família, na sua relação com o irmão. Todo o debate com o outro interlocutor se dá nos planos psicológico e filosófico discutindo questões como a influência da infância na vida adulta.<sup>86</sup> Também a vida noturna da cidade é palco do

---

<sup>85</sup> *Crucial*, n.1, p.12

<sup>86</sup> *Crucial*, n.2, p. 6-10

conto “Um riso claro que me fez chorar”, de José Paulo Bisol: “Gin-tônica, jazz-band e o homem. Estou perfeitamente integrado no tambor do baterista”.<sup>87</sup>

No conto “A Alma de um Homem”, de Vera Mogilka, a história começa com um romance que se ensaia entre uma garota e um rapaz que estão com outros amigos no cinema. A turma sai da sessão e vai para as ruas da cidade, cada um se dirigindo a sua casa, enquanto o relógio já marca duas horas da manhã. Só o casal continua seu caminhar até a beira de um rio – não faz referência, mas possivelmente o Guaíba: “Encostou-se numa árvore por fim (...) ela apontava as luzes do rio, da cidade distante, a torre vermelha da Usina de Gaz, uma ponte ocasional”.<sup>88</sup>

A cidade é, portanto, o palco por onde transitam as histórias da ficção em *Crucial*. São os deslocamentos de bonde, a pé - ou o próprio vagar a ermo – que permitem a ocorrência das tramas. Além da rua, os espaços públicos que se tornavam cada vez mais opções entre os jovens o cinema, a escola, a faculdade, mesmo a vida boêmia, nos bares. E o intento dos escritores era buscar nestes cenários o intimista, o que passa na cabeça das pessoas, seus anseios, vontades. Intenção esta que já estava explícita desde *O Vôo Crucial*: “Crucial? Crucial é o homem. Nosso intento é representá-lo com uma imaginação dinâmica de caminhos e uma sinceridade intratável”.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> *Crucial*, n.2, p. 26

<sup>88</sup> *Crucial*, n.3, p. 16

<sup>89</sup> *Crucial*, n.1, p.4

### CAP 03. Cartas, críticas e farpas

A partir do segundo número, *Crucial* passa a ter uma seção de críticas literárias nas últimas páginas da revista e separada da produção literária dos componentes. O espaço era tocado por Paulo Hecker Filho, que no primeiro número já publicara crítica, mas no se espaço dividido por autor, conforme explicado no segundo capítulo. Na quinta edição reserva novamente seu espaço a críticas. O escritor era um crítico implacável, que ficou marcado por sua extrema sinceridade, sem aliviar quem quer fosse. Os depoimentos de amigos próximos confirmam essas características.

Muitas décadas depois do fim da revista, em 2001, Linneu Dias descreveu com bom humor esta faceta do antigo colega de *Crucial*, no poema “O velho Paulo”:

“O Paulo Hecker Filho  
é um escorpião  
por mais que queiramos  
dar carona a ele  
em nosso coração,  
ele tem que cravar em nós o seu ferrão.  
É a sua natureza.(...)  
sua missão na vida  
tem sido dizer coisas desagradáveis às pessoas.  
Ele desconhece a noção, ou se recusa a conhecer,  
da mentira piedosa sem a qual a humanidade  
não pode subsistir. (...)”<sup>90</sup>

Paulo Betancur, crítico que foi amigo de Paulo Hecker Filho durante três décadas, também ressalta a honestidade extrema do companheiro, além de outra de suas predileções, a de enviar cartas.

“Paulo Hecker Filho tinha dois amores na literatura: Mário de Andrade e Bandeira. De Mário, ele seguiu a generosa disposição de epistológrafo, redigindo mais de 20 mil cartas durante 60 anos, cartas cordiais que, na maioria das vezes, eram tidas como nada cordiais; isso porque cometiam o supremo crime de comentar, sem tapinhas nas costas - mas sempre em tom afável -, os deslizos inevitáveis de qualquer escritor, mesmo os grandes”.<sup>91</sup>

Além das críticas literárias, assunto que ainda será retomado, passaram a ser publicadas no final da revista, a partir da terceira edição de *Crucial*, cartas que Paulo Hecker Filho trocara com Sérgio Millet e Oswald de Andrade, além de outras

---

<sup>90</sup> DIAS, Linneu; *Urbia*. Garamond. Rio de Janeiro: 2003 p. 144

<sup>91</sup> BETANCUR, Paulo. *O Terrível Hecker*. Disponível em <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=399&sem limite=todos>, acessado em setembro de 2009.

personalidades. A paixão do crítico pela epístola pode ser notada na quarta edição, quando Paulo escreve um “Apelo a Antônio Cândido”, pedindo ao intelectual que editasse e publicasse todas as cartas que encontrasse de Mário de Andrade:

“Você afirmou outrora que a correspondência de Mário de Andrade seria o livro dele mais importante (...) uma obra que *pode ser* a melhor de Mário, se não aparecesse, constituiria uma injustiça para o Brasil”.<sup>92</sup>

Hecker chega até a colocar as duas verves – de crítico e epistológrafo - em prática ao mesmo tempo, escrevendo e publicando “Cartas Críticas” nas páginas da revista, as quais também, evidentemente, enviava para o autor de determinada obra. As correspondências são possivelmente o maior legado histórico que este periódico pode deixar a quem o analisa mais de meio século depois e demonstram, inclusive, a repercussão maior que teve *Crucial*, que foi justamente entre escritores de boa parte do Brasil.

### 3.1 Correspondência com Sérgio Milliet

Sérgio Milliet, por coincidência, trocara diversas cartas com o ídolo de Hecker, Mário de Andrade entre 1923 e 1925. Crítico de literatura e de artes visuais, Millet foi um dos articuladores dos modernistas, tendo escrito em todas as edições da revista *Klaxon*, periódico mais significativo daquele movimento.

Nascido em 1898, passou a juventude em Genebra. Na sua volta, foi um dos elos entre modernistas brasileiros e europeus. Foi também organizador de diversas bienais e outros eventos ligados à pintura. Escrevia críticas diárias em grandes veículos, como *O Estado de São Paulo*.

As discussões que travou, via correspondência, com Paulo Hecker Filho, representam, de certa forma, a rebeldia do jovem (Hecker) contra o velho (Milliet). O rapaz preocupado com a excelência, com a grandiosidade da literatura, e o velho já com a cabeça mais tranqüila, buscando um texto mais leve e com uma preocupação maior em tentar compreender os autores, embora, como será constatado, algumas das críticas que Hecker faz serão, inclusive, acatadas por Milliet.

---

<sup>92</sup> *Crucial*, n.4, p. 31

Como reitera Lisbeth Rebollo Gonçalves, “a dúvida e a modéstia diante do fato a ser analisado são sempre dados positivos para Sérgio Milliet”.<sup>93</sup> Essa preocupação em relativizar sua opinião frente às obras que analisava advinha possivelmente de sua ligação com a sociologia. Sérgio foi, inclusive, professor Escola de Sociologia e Política de São Paulo – que depois se tornou parte da USP.

As correspondências publicadas, entre Hecker e Milliet, foram trocadas no período entre junho e agosto de 1952 e publicadas no número três de *Crucial*. A celeuma começou devido a uma crítica que Sérgio publicara em 8 de novembro de 1951 sobre o livro de contos de Hecker, “Na Paz da Lua”. Entre 1944 e 1959, Milliet pusera em dez volumes de livro o melhor da crítica que publicava na imprensa. Esta crítica pode ser encontrada no oitavo volume da obra,<sup>94</sup> mas também fora publicada em algum veículo de comunicação, muito provavelmente n’*O Estado de São Paulo*.

No texto Milliet nota que Hecker busca um realismo e que muitas vezes o atinge. Mas ressalta que “o realismo talvez seja a escola mais exigente de experiência, de amadurecimento, de espírito de síntese, de observação cuidadosa”.<sup>95</sup> Observa ainda que a narrativa realista não pode ter comentários que evidenciem a falta de conhecimento do tema e pega como exemplo o conto “Retrato de um bêbado”, contido na obra de Hecker, no qual um homem bebe uma garrafa inteira de cachaça em cerca de meia hora. Sobre isso, Sérgio anotou: “É de supor que contista ignora os efeitos álcool e não sabe que uma garrafa de cachaça emborcada assim em poucos minutos mata qualquer um. O pormenor ‘realista’ destrói a realidade do caso e tira-lhe a força sugestiva”.<sup>96</sup>

Feitas as críticas, Milliet afirma que aponta as falhas por que vê em Hecker um “ficcionalista do futuro”. Acredita que o jovem possa estar um pouco ansioso em publicar e que, portanto, carece de meditação sobre sua obra. Entretanto, vê esta pressa como uma qualidade e ressalva apenas temer que o jovem seja demasiadamente orgulhoso:

“(…) não deixa de ser simpático este fogo sagrado literário. Antes um entusiasmo de tal ordem que o desânimo que nos habituamos a encontrar na maioria dos jovens. Só um perigo me assusta nessa carreira que se inicia: o de uma

---

<sup>93</sup> GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo. 1992, p. 131

<sup>94</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*, v. 8 (1951 – 1952). São Paulo: Martins Editora, 1957.

<sup>95</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*, v. 8 (1951 – 1952). São Paulo: Martins Editora, 1957. p, 113

<sup>96</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*, v. 8 (1951 – 1952). São Paulo: Martins Editora, 1957. p. 113-4



autovalorização excessiva, o de uma recusa ao diálogo com a crítica”.<sup>97</sup>

Orgulhoso ou não, Paulo Hecker Filho guardaria uma resposta para sua próxima publicação. Após lançar o livro “Triângulo”, enviaria a Sérgio Milliet um exemplar, com uma “dedicatória” – a qual desconhecemos o conteúdo, mas certamente pra lá de sarcástica.

Mas o que poderia ser uma discussão áspera tornou-se um diálogo franco e cordial. Isso porque a resposta do velho Milliet – escrita em São Paulo, em 25 de junho de 1952 - desarmou o jovem, usando de elogios e bom humor, embora lamentando que as palavras de Hecker o impeçam de comentar a nova obra do escritor:

“Meu caro Paulo Hecker Filho.  
Só agora, chegando de viagem, recebi “Triângulo”. Não fico sentido com a sua dedicatória, que é quase agressiva, e atribuo a sua atitude a um desejo de afirmação muito peculiar aos jovens de talento. É um bom sinal e prefiro vê-lo assim rebelde, ainda que possivelmente injusto, a vê-lo conformista. Entretanto suas palavras me inibem um pouco e tornam suspeita qualquer opinião minha sobre seu livro. (...) Escreveria talvez coisas incompreensivas sobre você, mas que teriam a vantagem, ou melhor o benefício (que palavra besta) de chocá-lo e de levá-lo a uma auto-crítica. Ou, quem sabe, lhe dariam a oportunidade – sempre gostosa – de uma boa gargalhada à custa do comentarista (recuso-me a dizer: do crítico).  
Sérgio Milliet”<sup>98</sup>

Apenas três dias depois, em 28 de junho, Paulo Hecker Filho responderia a Milliet. O jovem afirma que a carta lhe foi uma surpresa agradável e que lhe causou um “riso lisonejado” por ser alvo “duma ironia bonachona”, o que afastou qualquer rancor que sentisse. Confessou ter ficado exasperado com a crítica sobre “Na Paz da Lua” e ter redigido carta comentando cada linha do texto, a qual nunca enviou. Para Hecker a crítica fora completamente errada e sem sentimento:

“Cheguei a esquecer a raiva em que me pôs a sua nota sobre “Na Paz da Lua”, e na qual tudo me parecera equivocado – o que seria perdoável, não fôsse a decidida vontade que nela se notava de não se emocionar, não ressoar, não ler”.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*, v. 8 (1951 – 1952). São Paulo: Martins Editora, 1957. p. 114

<sup>98</sup> *Crucial*, n.3, p. 21-2

<sup>99</sup> *Crucial*, n.3, p. 22

Paulo afirmou ainda que seus próprios defeitos eram muito mais graves. Reconheceu que lhe faltava “fôrça e constância para cristalizar um pensamento original”, e que possuía apenas uma facilidade para se expressar, ainda assim muito menor que o de Vinicius de Moraes, Drummond e Mário de Andrade, os quais qualifica como gênios e como exemplo de um dom literário inalcançável para si.

Hecker faz esta autocrítica para “adquirir o direito social” de criticar Sérgio Milliet. E aí discorre sobre a complacência do velho crítico com a própria mediocridade, e diz que ele está eternamente se repetindo:

“(...) você começa num desesperante tom menor, sempre o mesmo, a tagarelar; de repente, lhe surge uma pequena inteligência ou um jeito de frase-achado que o faz sorrir satisfeito, e está pronto não é preciso mais para uma simples nota de jornal (...) mas você não está tratando disso e sim de Sérgio Milliet, que deverá imaginar, adivinho, como algo superior a jornais. Nesta complacência com o medíocre, é óbvio, você arrasta tudo que lê ao medíocre”.<sup>100</sup>

A respeito da primeira crítica feita por Hecker, sobre a falta de emoção nos textos de Milliet, o próprio amigo de Sérgio, Mário de Andrade, já havia notado esta característica. Em texto publicado no *Diário de Notícias*, Mário afirma que as ideias expostas pelo companheiro são ricas em números e firmeza, mas não são originais. O modernista ressaltava que Milliet “busca mais energicamente a razão justa dos fenômenos e das coisas, em vez de procurar iluminá-los com qualquer invenção mais apaixonada. Para o Sr. Sérgio Milliet, a crítica (...) não será uma obra de arte”.<sup>101</sup>

Sobre a mediocridade apontada por Hecker, surpreende a reação do próprio Sérgio Milliet, de impressionante humildade. O crítico já consagrado cede ao jovem e, embora se defenda de certas críticas, admite estar sendo condescendente com a mediocridade, “tentando incentivar uma produção duvidosa apenas por topar com alguns versos bons ou páginas aceitáveis” e que o jornal por vezes obriga o comentarista a cometer leviandades. Surpreendentemente, revela que vai diminuir o número de notas no *Estadão*, a fim de melhorar a qualidade de seus textos. Ressalta, ainda, com ótimo

---

<sup>100</sup> *Crucial*, n.3, p. 22-3

<sup>101</sup> ANDRADE, Mário. *Noção de Responsabilidade* in: *Diário de Notícias*, s.d. apud. GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo. 1992 p, 71

humor, que talvez esteja envelhecendo, e então “é o momento de sacudirem o coqueiro até que o canastrão venha abaixo”.<sup>102</sup>

Ao contrário, o que Milliet demonstrava com tal disposição em se aprimorar mesmo depois de já bem estabelecido como crítico era um espírito jovem, ou como ressaltaria Paulo Hecker Filho, um vigor intelectual, “porque vai além do intelectual o impulso de querer renovar-se discutindo a sua própria situação de escritor”.<sup>103</sup> Não à toa, para Alfredo Bosi, em sua *História concisa da Literatura Brasileira*, Sérgio Milliet é um dos dois críticos de maior relevância do movimento surgido em 22: “Um panorama do Modernismo típico (de cor paulista) não será completo sem a menção dos nomes mais vincadamente críticos do movimento: Sérgio Milliet (1898-1966) e Paulo Prado (1869-1943)”.<sup>104</sup>

O papel desempenhado por Milliet na crítica literária, e de arte, no Brasil em meados do século XX também nos dá a noção exata da sagacidade com que Paulo Hecker Filho, ainda com menos de trinta anos de idade, utilizava sua sinceridade para fazer críticas certeiras. Ao todo, sete cartas entre o jovem e o velho crítico seriam publicadas na terceira edição de *Crucial* – quatro enviadas por Milliet, três por Hecker. Outros temas seriam debatidos, Paulo faria anotações de alguns volumes do *Diário Crítico* e por fim receberia a promessa de Sergio de que o oitavo volume seria trabalhado com mais atenção.

Paulo escreveria anos depois sobre as cartas, considerando a postura humilde de Milliet exemplar:

“(…) é um exemplo e para mim uma gratidão ver como Milliet nessa correspondência resiste ao próprio sítio sem perder a calma nem a inteligência. Fiquei encantado na hora e até hoje. A busca da verdade sobre o que se faz acima da defesa agressiva do próprio prestígio, pode bem ser, como creio, a marca do legítimo intelectual, mas é rara”.<sup>105</sup>

### 3.2 Correspondência com Oswald de Andrade

A correspondência que Paulo Hecker Filho troca com Oswald de Andrade, entre setembro e dezembro de 52, e publica em *Crucial*, constitui documento histórico

---

<sup>102</sup> *Crucial*, n.3, p. 23-4

<sup>103</sup> *Crucial*, n.3, p. 25

<sup>104</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª.edição

<sup>105</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 87

relevante. Abrindo o campo de visão, confirma toda a verve anárquica, caótica deste que foi um dos grandes nomes da literatura no Brasil; mostra por que, não à toa, Oswald protagonizou um dos maiores movimentos de ruptura artística no país. Olhando especificamente para *Crucial*, esses documentos dão uma ideia sobre a repercussão do periódico entre o meio intelectual brasileiro.

Ao menos entre literatos não foi nada desprezível o impacto da publicação dos jovens provincianos. Paulo Hecker Filho, por meio de sua compulsão missivista, constituiu ao longo de sua vida uma extensa rede de contatos com intelectuais de todo o Brasil. “Paulo tinha um extenso repertório de correspondências, e o pessoal comentava, respondia para ele. Nesse meio, tivemos uma repercussão razoável”, disse José Paulo Bisol.<sup>106</sup>

Essa rede, aliada talvez ao apoio de Guilhermino César, permitiu que *Crucial* fosse assunto em uma conversa entre Oswald, Drummond e Ciro dos Anjos no Rio de Janeiro, como podemos ver no trecho da primeira carta enviada por Oswald a Paulo Hecker Filho, no dia 25 de setembro de 1952:

“Paulo Hecker Filho

O negócio foi assim – depois de uma crise cardíaca que me pôs de cama por mais de um mês (um coração não deu para as vidas que vivi!) fui ao Rio e no Hotel estiveram Carlos Drummond e Ciro dos Anjos. E para minha surpresa, eles rasgaram o jôgo bruto de vocês, aí em Porto Alegre. O Ciro escreveu num papelzinho o endereço do Guilhermino César que me poria em contato com vocês, inclusive com uma môça (Vera?) que é “grande prêmio Serafim Ponte Grande”.<sup>107</sup>

“Serafim Ponte Grande” fora um dos romances malucos escritos por Oswald de Andrade, em que mistura narrativa em primeira e terceira pessoa, escreve em diversos formatos, como cartas e diários, e os personagens somem e reaparecem constantemente. É possível, portanto, que fizessem referência ao estilo tresloucado com que Vera Mogilka escrevia e, certamente, tratava-se de um elogio. Como Andrade também elogiou a “descompostura” que Hecker passara em Milliet: “Mande-me tudo que vocês fizeram. Afinal o Brasil recomeça sem os temperos insossos e polidos do Sérgio (...)”.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>107</sup> *Crucial*, n. 4, p. 35

<sup>108</sup> *Crucial*, n. 4, p. 35

Oswald, entretanto, não podia deixar de deixar críticas, sempre irreverentes. Foi contrário às opiniões favoráveis, ou brandas, de Hecker sobre Lêdo Ivo e Augusto Frederico Schmidt: “Já não gostei de vocês pactuarem com a nossa Bertha Singerman convertida – o Schmidt e com o “chulé de Apolo” que é o Lêdo Ivo”.<sup>109</sup>

A resposta de Paulo, no dia 14 de novembro do mesmo ano, dá ideia do contentamento provocado nos jovens porto-alegrenses pelo diálogo com Oswald. “(...) o Lineu me entrou pela casa: - Do Oswald de Andrade! Do Oswald de Andrade!”<sup>110</sup> Hecker ainda comentaria na epístola as críticas do escritor consagrado, teorizando sobre sua personalidade:

“Acho-o sempre bastante perto do surrealismo – êsse apêlo maravilhos à vida. Mas suspeito em você uma inabalável adolescência, isto é uma incapacidade de integração da personalidade, uma falta de harmonia, um caos”.<sup>111</sup>

Essa personalidade caótica de Andrade ficaria evidente porquanto ele prometera enviar maiores considerações sobre *Crucial*, o que só faria depois que Hecker lhe enviasse uma segunda carta em 27 de novembro. Ainda assim, a resposta de Oswald, no dia 30 do mesmo mês, revelaria seu pouco interesse pelo contemplativo, pela reflexão mais apurada, e sua predileção por opiniões curtas e eivadas de paixão:

“Paulo Hecker Fo.  
Quem foi que falou em condescendência? É sentimento que desconheço. Para fortes como vocês, só abraço ou tapa.  
Nunca recebi coisa alguma de seu grupo. Mande tudo urgente. Vocês publicariam uma carta minha, violenta, contra certa imundície paulista? Em que número da magnífica “Crucial”?  
Pena vocês não morarem em São Paulo para endireitarem esta merda!  
Seu, seu e da Vera e de todos daí,  
Oswald de Andrade”<sup>112</sup>

Hecker responderia, agradecendo a “coragem” de Oswald e “pelo que há de sério num espírito capaz de abrir crédito a quem socialmente não pode reivindicá-lo em razão da própria juventude”. Também manifestaria a concordância em publicar a carta de Andrade pedira para escrever para *Crucial*. A tal correspondência criticando “certa imundície paulista”, entretanto, jamais chegaria às mãos de Paulo, ou porque Oswald

---

<sup>109</sup> *Crucial*, n. 4, p. 35

<sup>110</sup> *Crucial*, n. 4, p. 35

<sup>111</sup> *Crucial*, n. 4, p. 36

<sup>112</sup> *Crucial*, n. 4, p. 36-7

desistiu de escrevê-la, ou porque se perdeu no correio. Dado o caráter de Andrade, é plausível que tenha simplesmente esquecido, ou mudado de ideia repentinamente.

### 3.3 A repercussão de *Crucial* via correspondência

Além dos grandes nomes já citados (Oswald, Drummond e Ciro dos Anjos), os quais tudo indica, tinham apreço por *Crucial*. Também o hoje imortal Lêdo Ivo fora leitor do periódico. Isso por que enviara colaboração, o poema “Chuva”, publicado no fim da segunda edição da revista. O acesso ao Acervo Literário e Epistolar de Paulo Hecker Filho, mantido pela PUCRS, também dá conta de que Hecker manteve extensa correspondência com Lêdo Ivo e que solicitava que respondesse com comentários sobre o conteúdo do periódico. O acervo revela que Paulo mantinha contato com diversos escritores, alguns deles se pode verificar que, com certeza, receberam em mãos a publicação.

É o caso de Murilo Mendes. Em carta enviada por Hecker no dia 12 de fevereiro de 1952, este agradece a Murilo pelos cartões comentando o primeiro número de *Crucial* e o livro “Na Paz da Lua”. A epístola revela o contentamento dos quatro componentes da publicação com a repercussão.

“Você pode imaginar o contido entusiasmo com que os lemos (os cartões) no café: ter em mãos a prova de que havíamos realmente escrito alguma coisa, pois não havendo ressonâncias, parece que se está blefando”.<sup>113</sup>

Também é possível verificar que o lançamento da publicação não ficou alheio às rusgas que Hecker mantinha com antigos companheiros da revista *Quixote*. Em missiva a Sílvio Duncan, Paulo condena um ataque “indigno e encoberto contra a *Crucial*”. Acusa Duncan a Raymundo Faoro de mudarem de opinião por conveniência, adulando velhos escritores gaúchos os quais criticavam anteriormente. “(...) você e o Faoro destruíam, por exemplo, Augusto Meyer e Manoelito de Ornellas. Agora, como lhes convém, um é ‘mestre’ e o outro é ‘sério’”. A personalidade forte do crítico literário e sua extrema sinceridade ficam claras, quando finaliza a epístola: “Digo-lhe o que penso nesta carta e daqui para diante, desprezo-o”.<sup>114</sup>

### 3.4 Farpas com a imprensa

---

<sup>113</sup> Carta redigida por Paulo Hecker Filho a Murilo Mendes, datada em 12/02/1952.

<sup>114</sup> Carta redigida por Paulo Hecker Filho a Sílvio Duncan, datada em 19/09/1952

Em entrevista, José Paulo Bisol revelou que o grupo que mantinha *Crucial* possuía um “ódio institucional” à imprensa do Rio Grande do Sul.<sup>115</sup> O ex-senador também afirmou que faziam uma distinção muito clara, “este é escritor, este é jornalista”. As páginas da publicação deixam muito evidente o que aponta Bisol. Paulo Hecker Filho, como não poderia ser diferente, era quem travava batalhas com os jornalistas; muitas vezes, paradoxalmente, quando era entrevistado por algum destes profissionais – o que já acontecia frequentemente, porque já fazia carreira como escritor.

No segundo número de *Crucial*, Hecker publicou uma entrevista que um “rapaz do interior” fizera consigo. Segundo o próprio Paulo escreve, “publico-a (...) por nunca ter saído no tal jornalzinho, uma vez que, quando o improvisado entrevistador voltou à sua terra, ele não circulava mais, proibido pela polícia”.<sup>116</sup> Perguntado sobre o que pensava acerca da imprensa gaúcha, o escritor responde que os diretores de jornais do Rio Grande do Sul eram “tão cretinos que parecem literatura”. Este foi dos adjetivos menos brandos que usou na resposta, tanto que a pergunta seguinte do jovem entrevistador foi se Hecker não tinha remorso, por tanta “violência”.<sup>117</sup>

O rapaz do Interior também inquiriu o integrante de *Crucial*, sobre um ataque que este teria sofrido da revista *Horizonte*. Hecker respondeu nunca ter ouvido falar de tal publicação. Perguntado sobre o que pensava acerca da revista *Província de São Pedro* qualifica como “uma inutilidade, uma sombra”, e lamenta o desperdício de o periódico ter “tantas páginas e bem impressas”.

Não foi a única entrevista que Hecker concedeu e que também publicou em *Crucial*. No quinto número publicou dois inquéritos, um dado ao *Diário de Notícias*. A outra foi, segundo Paulo, um questionário particular publicado indevidamente na revista *Hoje*. Por este motivo, logo após a reprodução da “entrevista” em *Crucial*, o escritor publica um apêndice no qual disserta sobre moral e dignidade, atacando o “repórter” Esdras do Nascimento, responsável pela má conduta. Publica ainda carta que enviara ao diretor da revista, Ilmo Frantz, na qual solicita reparação, não só pela publicação indevida como pelo texto introdutório da entrevista, onde Esdras faz várias considerações sobre a obra de Hecker que deixaram este último possesso e o motivaram

---

<sup>115</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>116</sup> *Crucial*, n. 2, p. 16

<sup>117</sup> *Crucial*, n. 2, p. 17

a responder com argumentos como a opinião sobre seus livros dada por críticos respeitados.<sup>118</sup>

O acervo epistolar do polêmico integrante de *Crucial* também revela rusga com a *Revista do Globo*. Em carta enviada ao diretor-secretário da publicação, Hamilcar Garcia, em dezembro de 51, Hecker contesta a publicação da reportagem “Os Papas do Existencialismo”, a qual teria se apropriado, “em tôda linha”, de frases de *Crucial*, “com intuito de ironia”. A opinião de Paulo sobre o periódico: “o cachorrismo não é muito estranho a uma revista como a Globo, sem outra intenção que a de bajular e divertir o maior número (...)”.<sup>119</sup>

Voltando a textos publicados em *Crucial*, o final da terceira edição traz uma nota curta intitulada “Farsa”. O conteúdo é uma crítica a Aldo Obino. Crítico de arte durante décadas, tendo colaborado em alguns dos principais jornais de Porto Alegre, como o *Correio do Povo* e o *Jornal do Comércio*, Obino escrevera para o primeiro uma crítica a respeito de Sartre, certamente corroborando com as teses escandalosas sobre a obra do escritor francês. Depreende-se isso por que a nota de Hecker ressalta a todo o momento a “intuito moralizante” do filósofo e, claro, as críticas a Obino têm a dureza peculiar ao fundador de *Crucial*: “Não fôsse a ignorância de nossos diretores de jornal seria de estranhar que um débil mental como o Sr. Aldo Obino fizesse parte do corpo redatorial do matutino de maior saída no Estado”.<sup>120</sup>

### 3.5 Sartre e flertes com o socialismo

Segundo Paulo Hecker Filho contaria o pensamento de Sartre estava na essência da publicação, como explica o próprio: “Repare no nome, *Crucial*. Como quem diz *existencial* (...) a confissão como regra da moral, a liberdade como desafio permanente à escolha (...) plena responsabilidade pelo que somos e a condição humana”.<sup>121</sup> Entretanto, ele também explicaria jamais ter ficado satisfeito com o existencialismo como filosofia, e sempre ter recusado ser chamado de existencialista. Mas admite, se se busca uma etiqueta para o periódico, era essa a que mais cabia.<sup>122</sup>

A defesa das ideias do filósofo não para não texto que achincalhava Aldo Obino. Também aparece nas entrevistas que Hecker concedera e publicara em *Crucial*. A

---

<sup>118</sup> *Crucial*, n. 5, p. 31-7

<sup>119</sup> Carta redigida por Paulo Hecker Filho a Hamilcar Garcia, datada em 08/12/1951

<sup>120</sup> *Crucial*, n.3, p. 42

<sup>121</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 234

<sup>122</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 204



pergunta que lhe fora feita por um repórter do *Diário de Notícias* demonstra em que tom a obra do francês era debatida para o grande público à época. “Que pensa sobre a literatura de Sartre: nociva ou fecunda?”. A resposta longa de Paulo considera Jean-Paulo “o mais completo escritor vivo da atualidade”, e vaticina: “Querer transformar a literatura responsabilíssima de Sartre num escândalo é coisa para escandalosos ou tarados”.<sup>123</sup>

Naturalmente, o socialismo também aparece. Se o existencialismo é presença que paira em toda a produção literária da revista, no seu extremo compromisso com a vida, em uma busca incessante por liberdade, do socialismo não se tem sinais senão nas entrevistas concedidas por Paulo, já que a preocupação da trupe não era tão calcada na política. No inquérito realizado pelo “rapaz do interior”, na segunda edição, fica claro este flerte com o pensamento de esquerda: “Acredito no socialismo, ou no que se chamar, por ser uma fase de mais sensata e homogênea distribuição dos meios de viver”. Entretanto, também é evidente o seu não-engajamento nestas lides: “(...) em política, os fatos desmoralizam as idéias”.<sup>124</sup>

### 3.6 Crítica literária

Ao longo das cinco edições de *Crucial*, Paulo Hecker Filho publica mais de vinte críticas, que perpassam livros recém-lançados, peças que estreavam, até análises sem um gancho factual, abordando simplesmente a obra de um autor, como faz, por exemplo, com o argentino Jorge Luis Borges, no quarto número.<sup>125</sup> Algumas das críticas eram cartas que enviara a autores, as cartas-críticas, conforme já dito.

Apesar do gosto de Hecker pelas literaturas argentina e europeia, a maior parte das críticas é feita a livros nacionais, exceção feita ao próprio Borges e a Fernando Pessoa. Interessante notar que o poeta português havia morrido há cerca de quinze anos, e sua obra ainda era conhecida aos poucos. Paulo se queixa pelo fato de os editores irem lançando em volumes pequenos o tesouro deixado pelo poeta, com o interesse comercial falando mais alto. No artigo, comenta “Poemas Dramáticos – vol. I”, e o faz sem preocupar-se em ser sucinto, em mais de quatro páginas. O texto dá uma ideia da ascendência que Pessoa tinha sobre os componentes de *Crucial* e também sobre alguns autores brasileiros e portugueses que eram admirados:

---

<sup>123</sup> *Crucial*, n.5, p.33

<sup>124</sup> *Crucial*, n.2, p.20

<sup>125</sup> *Crucial*, n.4, p.37-40

“Penso que os inteligentes já sabem ser êle (Pessoa) o único gênio indiscutível da poesia em nossa língua. Camões, Antero, Pascoais e Sá-Carneiro, Vinícius de Moraes e Drummond, por exemplo, conseguem ser não raro geniais”.<sup>126</sup>

Hecker mostra que, apesar da má fama, gostava mesmo de literatura, era um apaixonado. E a mesma sinceridade que tinha para apontar defeitos, tinha para apontar as coisas que gostava. Mas o próprio não negava – ao contrário, defendia - a sua peculiar inclinação para a opinião sincera, mesmo quando deselegante, ou causadora de conflitos. Uma carta-crítica publicada na quarta edição de *Crucial*, por exemplo, fez com que o amigo Carlos Dante de Moraes rompesse relações com Paulo, como este último indicaria na própria revista:

“Por causa da seguinte carta, o Sr. Moraes rompeu relações com o signatário. Publica-a êste aqui, em vista disso, (...). O incidente por ela ocasionado, dá-lhe um cunho talvez sugestivo como sintoma da vida literária na província. Não se pode ser fiel a si mesmo, isto é, procurar ser verdadeiro, nem mesmo com polidez. É preciso respeitar o alheio “profundo orgulho” (palavras do Sr. Moraes) até o ponto de só elogiar ou calar. Mas ao que nos levará esta cegueira de senão à persistência no provincianismo enclausurado?”.<sup>127</sup>

No fim da epístola, Hecker reconhecia a Moraes seu inevitável jeito de ser, admitindo a hipótese de que ao menos o destinatário da missiva ria “dessa singular loucura que me ataca e me faz dizer o que penso...”.<sup>128</sup>

Entre os autores mais surpreendentemente mal-vistos por Hecker estava o consagrado Graciliano Ramos. Sobre “Memórias do Cárcere” anotou que seu êxito sensacional se devia à “ignorância dos nossos meios intelectuais e por serem póstumas, facilitando assim a avareza coletiva oferecer a glória a uma sombra, não a um homem”. O estilo descritivo do escritor alagoano era considerado desprovido de talento, de estética pobre. A única concessão feita a Graciliano fora o reconhecimento de sua franqueza, o que, bem sabemos, era cultuado por Hecker e considerado uma característica essencial para uma boa literatura. Para o crítico, faltava horizonte e personalidade ao escritor de “Vidas Secas”. Por fim, compara-o a um seixo,

---

<sup>126</sup> *Crucial*, n.3, p. 25

<sup>127</sup> *Crucial*, n.4, p.30

<sup>128</sup> *Crucial*, n.4, p.32

reconhecendo ainda assim, com ironia, que ao menos uma pedra “perdura mais que um colorido pagode sem caráter”.<sup>129</sup>

Já mais velho, Paulo Hecker Filho definiria essa sua vocação de crítico contumaz e de buscar, acima de tudo, a opinião verdadeira:

“(…) propalam que sou um crítico danado... Em parte, penso, é pelo estilo; o crítico existe na medida em que se põe do lado do seu julgamento (...). Mas não escrevo sobre livro ruim, não vale a pena, e no máximo aludo aos mais ou menos. Só quando enganam gente demais, neles me detenho, até por instinto de defesa social. Não que seja anormalmente solidário, mas se vive é com os outros, a lutar contra o equívoco e a mentira (...). Em desejo, já me mataram várias vezes por dizer certas coisas, mas não posso me acumpliciar a elas enquanto não desisto de viver”.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> *Crucial*, n.5, p.45-6

<sup>130</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Crucial* esteve ligada a seu tempo. Cumpria o papel da busca de expressão por jovens interessados na literatura. As revistas literárias, que desde o início do século XIX começavam a aparecer no país, ganharam impulso após terem tido papel determinante na ruptura proposta pelos modernistas de 22. Possuíam importância ainda em meados da década de 50, por carregarem em si um cerne de mudança, de rebeldia, defesa de novos valores morais e literários, como explica Raul Antelo:

“(...) as revistas literárias adquirem relevância por suas declarações (manifestos, prefácios) que tentam criar vínculos específicos e solidariedade mais duradoura na luta por novos valores. (...) Ora em vertente ética ou estética, ora em função de prioridades práticas ou programáticas, as revistas literárias traçam, a partir do modernismo, uma dupla delimitação. Preservam cumplicidades compartilhadas aquém dessa linha de fratura que é o manifesto enquanto, além dela, recuam as posições residuais do campo literário”.<sup>131</sup>

Como outros grupos existentes - dentre os quais o *Quixote* fora o mais marcante em Porto Alegre - Paulo, Linneu, José Paulo e Vera, acompanhados por outros amigos que não escreviam, desempenharam este papel apontado por Antelo. Logo no primeiro número, através do *Vôo Crucial*, ficava claro o desejo de mudanças, intenções utópicas, de sacudir a intelectualidade de Porto Alegre, de alcançar relevância nacional. De buscar novos pressupostos morais.

Porto Alegre crescia, aumentavam os espaços de convívio social, os cinemas, a vida noturna, as faculdades - a área do Direito, à época era canalizadora da intelectualidade. As mulheres buscavam seu lugar ao sol, na vida, na relação com os homens, e na literatura, como Vera Mogilka. Mas a capital gaúcha também apresentava poucos veículos de comunicação (como hoje?), e as letras no Rio Grande do Sul mantinham fortes tradições regionalistas, fatores que amarravam uma possível modernização.

A favor do florescimento de um cenário literário gaúcho, de fato, com amplas possibilidades, *Crucial* se jogou, combateu - especialmente pela figura polêmica de Paulo Hecker Filho, que via na sinceridade arma infalível contra o provincianismo e na

---

<sup>131</sup> ANTELO, Raúl. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em [http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim\\_de\\_Pesquisa2/texto\\_raul.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_raul.htm), acessado em outubro de 2009.

crítica contumaz oportunidade de crescimento mútuo. Assim, a publicação trocou farpas com veículos de imprensa, criticou quem achou por bem criticar, e escreveu da maneira como melhor parecia a cada um dos que participava de sua produção. “Mostrei no *Crucial* uma busca de liberdade e autenticidade às vezes até incivil. Ficou um pouco uma revista de combate, que causava escândalo na cidade”,<sup>132</sup> diria Hecker.

O mundo se recuperava dos horrores das duas grandes guerras. Eram os anos dourados, época de esperança, de bonança econômica, na qual os países abatidos se reerguiam. Acirra-se a rivalidade entre o bloco socialista e o capitalista, mas caem os governos totalitários tanto na Itália e na Alemanha, quanto no Brasil. Aqui se viveria um período curto de liberdade até 1964. E o aparecimento cada vez maior da classe média nas cidades e, especialmente, a tomada de consciência dos jovens como grupo, faziam com que uma busca por liberdade não fosse mais simplesmente a dos proletários querendo se livrar da exploração pela burguesia, mas também desta juventude lutando pela aceitação de novos comportamentos.

Assim, as ideias de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir tiveram especial apreciação por parte do grupo que compunha *Crucial*. O inevitável engajamento com a humanidade proposto pelo filósofo francês era levado a cabo com afinco – menos ligado ao marxismo, mais a uma busca radical por autenticidade e sinceridade, como explica Paulo Hecker Filho: “Nos comprometêramos com a verdade humana a ponto de repugnar, em nome dela, qualquer disfarce, medo ou enfeite”.<sup>133</sup>

Dessa forma, o coletivo de escritores acabaria rotulado como existencialista, e isto acabou se tornando uma vertente reconhecida das letras no Rio Grande do Sul. Em conferência sobre literatura, em 1972, Armindo Trevisan ressaltava esta “linha”:

“Depois do Quintana e sua linha simbolista-surrealista, veio a linha *preciosista*, que eu chamaria a linha geral do grupo *Quixote*, que terminou realmente para onde eles caminhavam, como o Escosteguy e companhia. E outros que desertavam. A seguir veio a linha *existencialista*, que é a do Bisol, do Hecker, Vera Mojilka, Lila Ripoll, de certa maneira está ainda na linha do Quintana”.<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p.222

<sup>133</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p.204

<sup>134</sup> BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994. p. 15 apud. *Correio do Povo*, edição do dia 11 de novembro de 1972

Ainda assim, a produção literária da publicação não chega a ter mais que sinceridade e paixão. Para Paulo Hecker Filho, a criação ficava em segundo plano, dado o forte impulso do grupo em sua radical luta por ideais de vida e de literatura:

“Na busca de autenticidade ética, a criação literária não foi a primeira meta do grupo. Tínhamos de tratar de algo mais urgente e importante, viver e pensar certo, do que compor livros ou obras de arte”.<sup>135</sup>

Como visto, a grande repercussão do periódico ocorria entre o meio intelectual, onde Hecker mantinha extensa rede de contatos, especialmente via correspondência. Um dos grandes incentivos à revista fora do sempre anárquico Oswald de Andrade, que lamentou que os jovens não morassem em São Paulo, “para endireitar esta merda”. As cartas que trocou com Paulo, revelam também o apreço de Drummond e Ciro dos Anjos pelo grupo de jovens gaúchos. A pesquisa no acervo epistolar de Paulo Hecker Filho permitiu ver ainda que Murilo Mendes elogiou a publicação. Certamente, nessa linha a pesquisa não acaba aqui, porque um trabalho mais focado nos mais de 50 volumes de cartas irá revelar possivelmente que *Crucial* obteve ainda mais apoio. Segundo Hecker, o vigor jovem da trupe causava também despertava gracejos entre os mais velhos: “Literatos sorriam, crendo a literatura coisa mansa que, se esperneava um pouco na adolescência, logo voltava a se comportar”.<sup>136</sup>

A disposição maior em viver que em construir uma grande obra literária é motivo pelo qual, Paulo creditaria décadas depois o fato de os componentes do grupo não terem deslanchado uma carreira como escritores. Dos quatro, apenas Hecker seguiria sempre ligado à literatura, ainda assim, como o próprio define, “raro me dei à gratuidade de planejar uma obra artística”.<sup>137</sup> O intelectual manteve-se durante toda a vida publicando por impulso, tendo colaborado na imprensa – em jornais como *Zero Hora*, *Correio do Povo* e *O Estado de São Paulo* – escrito peças, ficção, poemas, feito traduções até sua morte em 2005. Por isso seus livros, em grande parte, eram compilações de crônicas, crítica, poemas, teatro, contos.

José Paulo Bisol logo se enveredou pelo caminho das Ciências Jurídicas, tornando-se juiz. Na década de 1970, se destaca participando de mesas-redondas na

---

<sup>135</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p.204

<sup>136</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p.234

<sup>137</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p.204

televisão e inicia carreira como apresentador. Alavancado pela popularidade, torna-se deputado estadual, chega a senador. Em 1989, forma chapa com Lula, para concorrer à presidência do País. No governo de Olívio Dutra no Rio Grande do Sul (1999-2002) é secretário de Segurança Pública. Tenta acabar com a truculência e corrupção das polícias, com o que sofre forte oposição e é alvo de campanha difamatória. Segundo ele próprio, sua atuação tanto no Judiciário, quanto nos poderes Legislativo e Executivo se pautou por uma busca incessante por justiça social.<sup>138</sup>

Linneu Dias participa do Teatro do Estudante e do Teatro Universitário de Porto Alegre. Cursa Interpretação e Direção Teatral na Yale Drama School, Estados Unidos. Colabora com diversos veículos de imprensa, como o *Correio do Povo* e *O Estado de São Paulo*. Radicado na capital paulista, mergulha de cabeça no teatro, traduzindo, escrevendo, dirigindo e atuando. Participa como ator também em filmes e minisséries de televisão, como “Presença de Anita”, da Rede Globo, seu último trabalho antes de morrer em 2002.

Em 2003, é lançado “Urbia”, compilação de poemas escritos nos últimos anos de sua vida. Também Bisol teria um flerte com a poesia depois do término de *Crucial*. em 1956, lançou “Sim à vida”, livro de poemas, editado por Hecker. Segundo este último, Vera Mogilka publicou duas novelas e em jornais e antologias. Apesar da pouca produção literária, a vivência daqueles anos deixou marcas nos integrantes.

Bisol, por exemplo, manteve-se, segundo Hecker Filho, fiel à poesia, exercitando-a com sucesso na prosa e no discurso. De fato, a destreza com as palavras foi marca de José Paulo nas diversas funções que já exerceu:

“Cada poeta tem seu modo de ser o poeta que é, e o modo dele a certa altura, foi menos escrevendo versos que sendo magistrado, comunicador, político, senador e quase vice-presidente da República”.<sup>139</sup>

Linneu certamente levou para o teatro sua experiência literária, como na peça autobiográfica *Minha'alma alma minha*, o que podemos perceber pela apresentação de Djalma Limongi Batisa em “Urbia”:

“Todo ator adora dizer poemas. Afinal nada existe melhor escrito para ser falado, e é certo que os grandes textos do teatro estão na forma poética. Entretanto, Linneu quando falava os poemas ia muito além de exacerbação da oratória dramática. Algo assim como quando nos contou sua vida, num solilóquio

---

<sup>138</sup> Entrevista com José Paulo Bisol no dia 19/10/2009

<sup>139</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 32

hamletiano, através de poesias em *Minha'alma alma minha*. (...) Linneu vivia em estado de poesia. Ser era 'ser poético'".<sup>140</sup>

Afora o lado pessoal, da experiência vivida por quem fez *Crucial*, um dos maiores legados que o grupo deixou foi, segundo Paulo Hecker Filho, uma visão mais universal que a comum a um Rio Grande do Sul fortemente regionalista. “Essa geração tem de ser de início julgada pelo que representou de tomada de consciência em termos duma cosmovisão menos provinciana”.<sup>141</sup> Pode-se dizer, assim, que este olhar mais voltado à literatura nacional e internacional é uma característica comum aos jovens intelectuais que orbitavam as faculdades de Direito em Porto Alegre no final da década de 40 e início da década de 50. Isso porque Biasoli aponta já ser esta uma das características fundamentais do grupo *Quixote*.<sup>142</sup>

Já o legado da produção literária propriamente dita de *Crucial* pode ter residido especialmente na volúpia e no idealismo dos escritores, como pensa Paulo:

“Não creio que venha a ser admirada, no máximo o que esperamos é que seja absolvida, pois, se o que resiste mesmo é o livro bem feito, algo há de ser perdoado a quem quis a verdade para conquistar para si e os interlocutores mais humanidade”.<sup>143</sup>

Entretanto, o próprio escritor, com a sinceridade que lhe foi peculiar, acreditava na pouca ressonância obtida pelo grupo, creditando-a ao provincianismo gaúcho: “Teríamos sido antes lançadores de sementes, que desconfio aliás pouco vingaram. Província é fogo”.<sup>144</sup>

---

<sup>140</sup> LIMONGI, Djalma in: DIAS, Linneu; *Urbia*. Garamond. Rio de Janeiro: 2003. p. 9

<sup>141</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 205

<sup>142</sup> BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994. p. 29-30

<sup>143</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 205

<sup>144</sup> HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 205



# ANEXOS

Figura 1: capa da segunda edição de *Crucial*

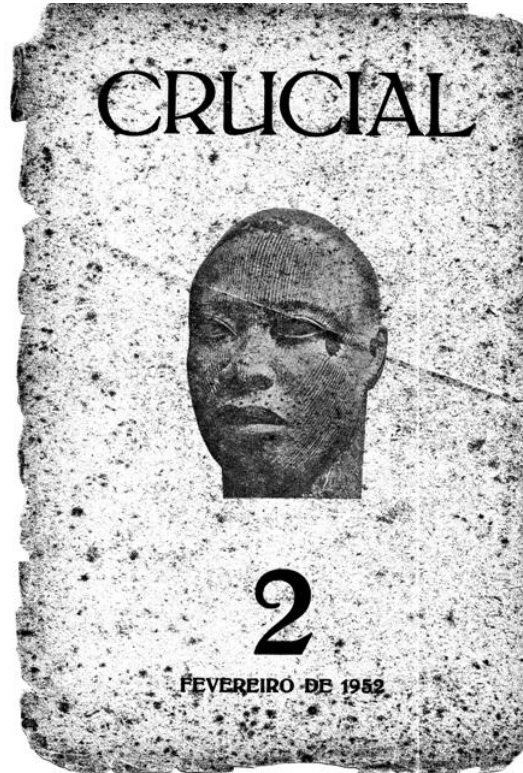


Figura 2: Anúncios na capa 2 da segunda edição de *Crucial*

## Referências bibliográficas

- ANTELO, Raúl. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em [http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim\\_de\\_Pesquisa2/texto\\_raul.htm](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa2/texto_raul.htm), acessado em outubro de 2009.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 2 ed.
- BALBUENO, Luciana. *A estética engajada da revista Horizonte*. Disponível em [http://www.margs.rs.gov.br/ndpa\\_sele\\_aestetica.php](http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_aestetica.php), acessado em setembro de 2009.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BETANCUR, Paulo. *O Terrível Hecker*. Disponível em <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=399&semlimite=todos>, acessado em setembro de 2009.
- BIASOLI, Vitor. *Grupo Quixote: História e Produção Poética*. Porto Alegre: Edipucrs: IEL, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008. 39ª.edição
- DIAS, Linneu. *Urbia*. Garamond. Rio de Janeiro: 2003
- Dicionário Cravo Albin da Música Brasileira*. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br>, acessado em outubro de 2009.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Sérgio Milliet, crítico de arte*. São Paulo: Perspectiva Editora da Universidade de São Paulo: 1992
- HECKER FILHO, Paulo. *Saudades de Voltaire*. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Memorial do Rio Grande do Sul. *Caderno de história, n. 25*. Disponível em <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/ensaistas.pdf>
- MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico, v. 8 (1951 – 1952)*. São Paulo: Martins Editora, 1957.
- RUDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: Editora Universidade/Ufrgs, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo* in PESSANHA, José Américo (org.). *Os Pensadores: Sartre*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 3ª. edição
- SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 2ª.edição.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 3ª edição.

### **Revistas**

*Revista Brasileiros*, n. 23, junho de 2009. Brasileiros Editora. Coleção particular.

*Revista Província de São Pedro*, n. 17, 1952. Editora Globo. Pesquisa na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

*Revista Crucial*. 1951-54. n.2, 3, 4 de coleção particular; n.1, pesquisa na Coleção Júlio Petersen da Biblioteca Central da PUCRS; n.5, pesquisa na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

### **Cartas**

Pesquisa ao Acervo Epistolar e Literário de Paulo Hecker Filho, localizado na Biblioteca Central da PUCRS.

### **Entrevista**

José Paulo Bisol, no dia 19 de outubro de 2009.